

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SÃO PAULO - IFSP**

ELIANA PEREIRA DOS SANTOS COSTA

Trajetórias escolares de mulheres do Cieja: diferenças geracionais

São Paulo

2016

ELIANA PEREIRA DOS SANTOS COSTA

Trajetórias escolares de mulheres do Cieja: diferenças geracionais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Diretoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação (DPE) do campus São Paulo, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos e obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula de O. Corti

São Paulo

2016

C837t Costa, Eliana Pereira dos Santos
Trajetórias escolares de mulheres do Cieja: diferenças geracionais /
Eliana Pereira dos Santos Costa. São Paulo: [s.n.], 2016.
65 f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula de O. Corti

Monografia (Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP, 2016.

1. Educação de Jovens e Adultos 2. Cieja 3. Escolarização de mulheres I. Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo II. Título

CDU 370

COSTA, Eliana P. dos S.

Trajetórias escolares de mulheres do Cieja: diferenças geracionais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Diretoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação (DPE) do campus São Paulo, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos e obtenção do título de especialista.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profº. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profº. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profº. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho

A meu pai, Lázaro Pereira dos Santos (*in memoriam*), que me ensinou as primeiras letras e as primeiras operações matemáticas, quando criança, e na adolescência me disse certa vez: “Nunca pare de estudar”. E partiu antes mesmo que eu concluísse o Ensino Médio.

A minha mãe, Dirce Errera dos Santos (*in memoriam*), que contribuiu para que eu pudesse seguir estudando.

AGRADECIMENTOS

Dedicar este trabalho aos meus pais me faz reviver o percurso que fiz até chegar aqui, a dedicação, a paciência e o incentivo de meu pai, que me deu força para continuar nesta caminhada. Em sua ausência não desisti, porque minha mãe me deu o apoio que faltava até me formar em Letras. Com a chegada dos filhos esse processo deu uma parada, a dedicação profissional e a vida familiar adiaram este momento, o tempo que parecia tardar a chegar, afinal chegou, trazendo amadurecimento e realizações, matérias-primas fundamentais para a concretização deste trabalho.

Retomar os estudos, no meu caso e no das mulheres que entrevistei, neste momento da vida não foi fácil, após longo tempo fora da vida acadêmica, encontrei muitas novidades. Só o desejo de continuar não bastava, eram necessários dedicação e incentivo. Esposo, filhos, amigos, professores, colegas de trabalho me deram força para que essa nova experimentação tivesse gosto. A todos eles, o meu profundo agradecimento.

Em especial a minha orientadora, Ana Paula Corti, que com todo o seu conhecimento, dedicação e paciência me incentivou e mostrou o caminho a ser trilhado, a cada indicação de leitura, a cada revisão, a cada ideia, nas muitas correções. Suas ações e presença foram fundamentais para que eu continuasse a caminhada iniciada lá trás.

Às moças e às mulheres do Cieja Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu que prontamente participaram das entrevistas, abrindo um pouco de suas histórias de vida. Contribuíram para fundamentar o que ouvíamos no dia a dia da escola.

Aos colegas de trabalho que em nossas conversas informais, estudos e trocas de experiência trouxeram depoimentos de sala de aula e de corredores, os quais enriqueceram ainda mais esta pesquisa.

Ao meu esposo Flávio Luís Costa, também professor, que além da paciência em ouvir as minhas considerações, angústias e ansiedade, teve ainda de esperar a conclusão deste trabalho.

Aos meus filhos Raul, que muitas vezes teve que fazer seu próprio jantar e além disso me auxiliou na finalização deste trabalho com seu senso de organização privilegiado, e a Lygia, por ela poder exercitar as leituras sobre como a mulher é vista e tratada na sociedade brasileira e que, mesmo distante, ao me trazer um livro que iria contribuir para esta pesquisa, ganhou uma suspensão na biblioteca da Universidade.

Aos professores do IFSP – PROEJA que com seus textos, informações conhecimentos, me trouxeram de volta ao mundo acadêmico.

Aos novos colegas de classe que tive a oportunidade de conhecer, aprendendo um pouco com cada um deles.

E ao IFSP que me acolheu neste momento e forneceu o espaço físico e o melhor material humano para que eu pudesse chegar até aqui.

Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso... No entanto, ainda se fala dela.

SIMONE DE BEAUVOIR

Caso de tristeza vire a mesa
Coma só a sobremesa coma somente a cereja
Jogue para cima faça cena
Cante as rimas de um poema
Sofra penas viva apenas
Sendo só fissura ou loucura
Quem sabe casando cura ninguém sabe o que procura
Faça uma novena reze um terço
Caia fora do contexto esqueça o seu endereço
A cada mil lágrimas sai um milagre

ALICE RUIZ

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o perfil das alunas do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – Cieja Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu, onde elas representam a maioria das matrículas, visando entender os motivos que as afastaram da escola e o que as trouxe de volta. Queremos também estabelecer uma comparação entre as estudantes no que diz respeito ao grupo etário, para verificar se a fase de vida em que estão é um fator explicativo que afeta os motivos do abandono e também do retorno à vida escolar. Para isso foi feito levantamento das alunas matriculadas em 2015 no Cieja, por turma, por meio da lista piloto da unidade escolar. Encontramos um total de 766 alunos matriculados dos quais 463 são mulheres, somando 60,4% do total. Para que fosse possível analisar as diferentes idades das alunas no Cieja (jovens, adultas e idosas), foi feita uma divisão das alunas em três grupos conforme as idades: GI para alunas de 15 a 30 anos, GII para alunas de 31 a 50 e GIII para alunas acima de cinquenta anos. Foram aplicados questionários a uma amostra de 59 estudantes. Com o crescente número de alunas mais jovens e a diminuição de alunas mais idosas matriculadas no Cieja, observou-se que o perfil da mulher que busca formação escolar apresenta mudanças. As mulheres mais velhas hoje são a minoria, encontram-se matriculadas basicamente nas séries iniciais (1ª a 4ª) do Ensino Fundamental; muitas não buscam melhor inserção no mercado de trabalho e sim aprender a ler e escrever, são aposentadas ou donas de casa que dedicaram sua vida à família, ao esposo e principalmente à criação dos filhos, agora com estes formados podem realizar o desejo de estudar. O grupo de mulheres entre 31 e 50 anos tem como objetivo principal ao voltar a estudar a busca de melhor colocação no mercado de trabalho e ajudar seus filhos em idade escolar em suas atividades; grande parte delas está matriculada nos módulos III e IV (5ª a 8ª séries). Um grupo que desponta no Cieja é o das jovens que têm entre 15 e 30 anos, estas em sua maioria encontram-se matriculadas no módulo IV Etapa Final do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries), estão há pouco tempo fora da escola e são nascidas na mesma região onde moram e estudam atualmente. Sua principal expectativa na retomada dos estudos é a inserção no mercado de trabalho. Interessante observar que o principal motivo que, de modo geral, fez as mulheres jovens e adultas pararem de estudar, coincide com sua motivação para retomar os estudos, ou seja, o trabalho, associado a ajudar os filhos em idade escolar e a aprender a ler e escrever. Mas os obstáculos enfrentados no passado e que hoje as impulsionam a estudar as assombram, novamente, dificultando sua permanência na escola, pois é desafiador conciliar trabalho, filhos, família, casa, esposo e a escola, de forma que apenas 28% dizem não enfrentar nenhum problema para permanecer estudando.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Cieja, Escolarização de mulheres.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the profile of the female students of the Integrated Center for Youth and Adult Education – Cieja Professor Marlúcia Gonçalves de Abreu, where they represent the majority of enrollments, in order to understand the reasons that led them away from school and the reasons that brought them back. We also want to establish a comparison between the students with regard to age group to see if the life phase in which they are is an explanatory factor that affects the grounds of abandonment and also the return to school life. For this survey we considered the students enrolled in 2015 in Cieja, per class, through pilot school unit list. We found a total of 766 students enrolled of whom 463 are women – 60.4% of the total. To analyze the different ages of female students in Cieja (youth, adult and elderly), a division was made in three age groups: GI for female students from 15 to 30 years, GII for those from 31 to 50 years and GIII to women over 50 years. Questionnaires were applied to a sample of 59 female students. With the increasing number of younger women and the decrease in the number of older ones enrolled in Cieja, it was observed that the profile of women seeking training school presents changes. Older women today, the minority, are mainly enrolled in the early grades (1st to 4th) of elementary school; many do not seek better integration in the labor market, but simply wish to learn to read and write: they are retired women or housewives who dedicated their lives to family, spouse and particularly the creation of the children, now they can fulfill their desire to study. The group of women between 31 and 50 years who aim to return to school are interested in better placement in the labor market and in being able to help their school-age children in their activities; most of them are enrolled in modules III and IV (5th to 8th grade). A group that emerges in Cieja is that of women who are 15-30 years old; these mostly are enrolled in IV module Final Stage of Elementary School (7th and 8th grades), are recently out of regular school and are born in the same region where they live and are currently studying. Its main expectation in the resumption of studies is the insertion in the labor market. Interestingly, the main reason which, in general, made the girls and women stop studying coincides with their motivation to return to school, namely work, associated with help for their school-age children and the desire to read and write. However, the obstacles faced in the past, which took them out of school and drive them back today are haunting again, making it difficult to stay in school, for it is challenging to balance work, kids, family, home, husband and studies, so that only 28% say not to face any problems to stay in school.

Keywords: Youth and Adult Education, Cieja, Education of women.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Mulheres divididas por grupos de acordo com suas idades, Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	22
Quadro 2. Módulos e séries do Ensino Fundamental correspondentes, Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	23
Quadro 3. Número de turmas por módulo e horário, Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	23

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo e grupo de idade, 2015.....	24
Gráfico 2. Percentual de idade de mulheres matriculadas em cada período no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	29
Gráfico 3. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo escolar e grupo de idade, 2015.....	36
Gráfico 4. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por região de origem e grupos de idade, 2015.....	37
Gráfico 5. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça e módulo escolar, 2015.....	41
Gráfico 6. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça e região de origem, 2015.....	41
Gráfico 7. Motivos para o abandono escolar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	43
Gráfico 8. Percentual dos principais motivos que as impediram de estudar e idade, Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	44
Gráfico 9. Motivos para retornar aos estudos por grupos de idade, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	47
Gráfico 10. Tempo que ficaram fora da escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	49
Gráfico 11. Tempo que ficaram fora da escola por idade, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	50
Gráfico 12. Relação da idade e inserção no mercado de trabalho, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	51

Gráfico 13. Percentual da relação idade e trabalho com registro em carteira, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	52
Gráfico 14. Principais fontes de renda conforme a idade, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	53
Gráfico 15. Percentual das principais dificuldades enfrentadas para permanecer na escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número e percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo escolar e grupo de idade, 2015.....	24
Tabela 2. Número de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por grupo de idade e período, 2015.....	25
Tabela 3. Número de mulheres entrevistadas no Cieja Profa. Marlúcia por idade e módulo, 2015.....	26
Tabela 4. Número de mulheres entre 15 a 30 anos entrevistadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo, período e idade, 2015.....	26
Tabela 5. Número de mulheres entre 31 a 50 anos entrevistadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo, período e idade, 2015.....	27
Tabela 6. Número de mulheres acima de 51 anos entrevistadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo, período e idade, 2015.....	27
Tabela 7. Mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por período, 2015.....	28
Tabela 8. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por grupo de idade, 2015.....	34
Tabela 9. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo escolar, 2015.....	35
Tabela 10. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo escolar e grupo de idade, 2015.....	35
Tabela 11. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por região de origem, 2015.....	36
Tabela 12. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por região de origem e grupos de idade, 2015.....	37
Tabela 13. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por estado civil, 2015.....	38

Tabela 14. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça, 2015.....	39
Tabela 15. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça e módulo escolar, 2015.....	39
Tabela 16 - Proporção de mulheres de 15 anos de idade ou mais que não sabiam ler nem escrever e variação, por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e algumas características selecionadas - 2000/2010.....	40
Tabela 17. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça e região de origem, 2015.....	40
Tabela 18. Frequência anterior à escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	42
Tabela 19. Motivos para o abandono escolar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	42
Tabela 20. Relação entre a interrupção dos estudos e a condição feminina, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	46
Tabela 21. Motivos para retornar aos estudos, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	47
Tabela 22. Tempo que ficaram fora da escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	48
Tabela 23. Tempo que ficaram fora da escola em comparação com a idade, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	49
Tabela 24. Idade em que começaram a trabalhar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	50
Tabela 25. Situação atual de trabalho, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	51
Tabela 26. Formalização do trabalho, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	52

Tabela 27. Principal fonte de renda, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	53
Tabela 28 Dificuldades para permanecer na escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	54
Tabela 29. Motivos que as impulsionaram a voltar a estudar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	56
Tabela 30. Mudanças que aconteceram após voltarem a estudar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS

APEOESP – Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

CAT – Centro de Apoio ao Trabalhador

CEB – Câmara de Educação Básica

CEE – Conselho Estadual de Educação

CEMES – Centro Municipal de Ensino Supletivo

CIEJA – Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos

CME – conselho Municipal de Educação

DOT – Diretoria de Orientação Técnica

DPE – Departamento de Pós-Graduação Pesquisa e Inovação

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EF – Ensino Fundamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFESP – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo

JBD – Jornada Básica Docente

JEIF – Jornada Especial e Ação de Formação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NAE – Núcleo de Ação Educativa

ONU – Organização das Nações Unidas

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PEA – Projeto Especial e Ação

PROEJA – Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

SAAI – Sala de Apoio e Acompanhamento a Inclusão

SINPEEM – Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo

SME – Secretaria Municipal de Educação

UBM – União Brasileira de mulheres

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

Introdução.....	19
Objetivos e Metodologia.....	22
1. O Cieja Profa. Marlúcia Gonçalves de Abreu.....	30
2. Perfil das alunas do Cieja Profa. Marlúcia Gonçalves de Abreu.....	34
3. Relação das estudantes do Cieja com a escola.....	42
4.Considerações finais.....	58
5. Referências.....	63
6. Apêndice.....	64

Introdução

Esta pesquisa analisou o perfil das alunas do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – Cieja Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu no ano de 2015. O aumento do número de alunas matriculadas com menos de 18 anos de idade e a predominância de alunas abaixo dos 40 anos apontam mudanças na formação do grupo de alunas.

O Cieja foi formado em 2003. Nesse período a média de idade das alunas era em torno do 40 anos, poucas eram as que tinham menos de 18 anos e as adolescentes entre 15 e 16 anos não faziam parte desse universo. Com o passar do tempo essa realidade foi se alterando, aos poucos a média de idade diminuiu e as adolescentes começaram a chegar.

A diminuição da idade média das alunas sugere, também, mudanças no contexto histórico da Educação de Jovens e Adultos. A mulher mais velha não estudou, geralmente, por falta de oportunidade, de incentivo, de acesso e pela necessidade de trabalhar desde muito cedo. Já para as mais jovens esses motivos não são recorrentes: elas também os apontam, mas com menos intensidade. De forma geral, elas tiveram acesso à escola e por diversos motivos a abandonaram. Nesse sentido, queremos investigar se a idade em que pararam de estudar, o período que ficaram fora da escola, os motivos que as fizeram parar de estudar e os motivos que as fazem retornar à escola mudam conforme a idade. Isso porque viveram sua infância em tempos diferentes e estão retornando a escola num mesmo momento, vivendo o mesmo tempo histórico, mas com histórias distintas.

O perfil das alunas que hoje frequentam a Educação de Jovens e Adultos é muito variado, elas formam grupos de adolescentes, jovens, adultas e idosas com histórias, objetivos, expectativas e esperanças próprias de cada geração. Muitas ficaram impossibilitadas de frequentar a escola por um longo período enquanto outras não tiveram que esperar tanto tempo para voltar a estudar. A grande maioria dessas mulheres passou pela escola um dia, cada uma tem um desejo especial ao retomar seu direito a estudar: aprender a ler e escrever, inserir-se ou reinserir-se no mercado de trabalho, ajudar os filhos nas tarefas escolares, participar de atividades comunitárias ou simplesmente deixar de ser invisível, em uma sociedade excludente e exigente. Cada grupo tem características próprias de sua faixa etária dentro de um mesmo lócus, a escola, que representa a realização de seus desejos e a conquista de seu espaço.

A presença dessas mulheres na EJA, mais especificamente no Cieja Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu, é grande, pois elas ocupam um maior número de vagas em relação aos alunos do sexo masculino. Antes de 1960 o cenário escolar era marcado por

homens, o número de mulheres analfabetas em relação a estes era bem maior e o acesso à escola era restrito a todos. Após 40 anos esse acesso foi ampliado e a mulher passou a ser a maior beneficiada (CARVALHO, 2003, p. 186). Entre as alunas mais velhas, muitas viveram esse período de transição, em que o homem era privilegiado no universo escolar. Já as mais jovens viveram um período mais fácil para ambos os sexos, nesse momento o cenário se inverte: a taxa de analfabetismo para elas passa a ser menor que a dos jovens do sexo masculino.

Nas faixas etárias acima dos 40 anos vamos encontrar mais mulheres do que homens analfabetos, ao passo que na faixa de 15 a 19 anos temos quase o dobro de rapazes que moças analfabetas. Isso é preocupante porque a grande maioria desses jovens analfabetos são pessoas que passaram pela escola, que tiveram uma trajetória escolar marcada pela repetência, pela evasão, que vão e voltam ao sistema de ensino e não conseguem se apropriar da leitura e escrita. (CARVALHO, 2003, p. 186)

Esse processo não acontece de forma simples. As conquistas dos movimentos feministas e as exigências do mercado de trabalho fazem com que a mulher saia de seu lar em busca de conhecimento e qualificação para obter visibilidade e melhores condições de trabalho, demandando políticas públicas.

Ordenando registros, memórias e texto desse início da década de 1970, pode-se perceber que o tema “mulher” se transformou em objeto de interesse e debate políticos quando uma sucessão de pequenas ações tornaram públicas as lutas antes desenvolvidas em âmbitos restritos, coincidindo com o momento em que a ONU (Organização das Nações Unidas) decretou 1975 o Ano Internacional da Mulher. A respeitabilidade das Nações Unidas somada à atuação de mulheres educadas – professoras universitárias e pesquisadoras ao lado de outros intelectuais, militantes da esquerda e do feminismo – criou condições para novas expressões do feminismo brasileiro contemporâneo, cuja agenda passou a incluir, entre outras, a pauta da “educação não sexista”. Finalmente, a questão educacional ganhou destaque, embora, em termos de prioridades, tenha ficado atrás das questões relativas ao “trabalho feminino”, à “vida reprodutiva” e à “violência doméstica” (ROSEMBERG, 2013, p. 342)

A história da situação da mulher na sociedade nos aponta que no sistema patriarcal a mulher tinha sua vida voltada para a maternidade, seu domínio passava do pai para o marido, o qual se transformava em seu dono. Ela era vista como inferior a este, para ela ficavam apenas os cuidados com os filhos e a casa, nesse sentido não era lhe dado o direito de estudar ou trabalhar fora. Com o desenvolvimento da indústria as mulheres conquistam o direito a trabalhar e com o surgimento dos movimentos feministas o direito aos estudos, porém essas conquistas não lhes vêm por inteiro ou não são tão positivas como deveriam ser. Casamento, filhos, trabalho e estudo acabam sendo um fardo ainda maior, dificultado seu desempenho profissional, enquanto a baixa escolarização impede que progridam profissionalmente. As alunas com mais de 51 anos de idade ainda vivenciaram esse contexto patriarcal em que os pais não permitiram que estudassem; para se prepararem para o casamento podiam realizar os

afazeres domésticos em suas residências ou até mesmo em outras casas, nas classes menos favorecidas, trabalhando como domésticas, a fim de serem boas donas de casa. O casamento para muitas seria uma possibilidade de melhorar de vida, mas que mantinha presente esse domínio masculino sobre a mulher.

Os pais ainda educam suas filhas antes com vista ao casamento do que favorecendo seu desenvolvimento pessoal. E elas veem nisso tantas vantagens que elas próprias o desejam; e desse estado de espírito resulta serem elas mais das vezes menos especializadas do que seus irmãos, e não se empenham integralmente em suas profissões, desse modo destinam-se a permanecer inferiores e o círculo vicioso fecha-se, pois essa inferioridade reforça nelas o desejo de encontrar um marido. (BEAUVOIR, 2009, p. 202)

As adolescentes, não vivem mais este sistema patriarcal, e há leis que não permitem que comecem a trabalhar muito cedo, bem como fiscalizam a realização de trabalhos pesados, o que resulta em melhores perspectivas para sua formação. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) impede que menores de 16 anos trabalhem; aos 14 anos eles podem trabalhar como aprendizes, desde que tenham seus direitos trabalhistas assegurados. Os menores de 18 anos não podem trabalhar em ocupações insalubres ou perigosas. Tem grande importância o artigo 4º do Estatuto que obriga os responsáveis a manter as crianças e adolescentes na escola, até para o recebimento de benefícios sociais que exigem que estejam matriculados e tenham frequência regular. A escola é obrigada a informar os órgãos competentes a não frequência, no caso o Conselho Tutelar e o Governo Federal, que distribui os benefícios.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990)

Hoje a situação da mulher vem se modificando de maneira acelerada. Ao mesmo tempo que ela precisa trabalhar para se manter, não aceita mais imposições de pais ou maridos que a impeçam de crescer profissional ou intelectualmente. Ela precisa de uma pessoa que a acompanhe e a incentive em suas buscas.

Diante dessas perspectivas, algumas questões foram levantadas: os motivos que levaram uma mulher adulta a parar de estudar são os mesmos para a adolescente e para a jovem? O período em que ficaram fora da escola é o mesmo? Por que retornaram para a escola?

Objetivos e Metodologia

O objetivo desta pesquisa é analisar o perfil das alunas do Cieja Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu, uma vez que elas representam a maioria das matrículas, visando entender os motivos que as afastaram da escola e o que as trouxeram de volta. Pretende-se também estabelecer uma comparação entre as estudantes no que diz respeito ao grupo etário, para verificar se a fase de vida em que estão é um fator explicativo que afeta os motivos do abandono e também do retorno à vida escolar. Para isso foi feito um levantamento das alunas matriculadas em 2015 no Cieja por turma, através da lista piloto da unidade escolar. Encontramos um total de 766 alunos dos quais 463 são mulheres, somando 60,4% do total. Pode-se considerar que este é um número muito volátil, pois a frequência é irregular devido a vários fatores, tanto sociais, quanto familiares, profissionais e de saúde. Com isso a rotatividade de alunos é grande no Centro, até pelo fato de o curso ser anual e não semestral como nas escolas regulares da rede municipal.

Um dos pontos importantes foi analisar as diferentes idades das alunas no Cieja e relacioná-las, a fim de verificar se os motivos que as impediram de estudar e que hoje as impulsionam de volta são recorrentes para todas ou se a fase de vida que elas vivem (jovens, adultas e idosas) traz características específicas em relação aos obstáculos e necessidades enfrentados. Para tanto, foi feita uma divisão das alunas em três grupos conforme as idades: GI para alunas de 15 a 30 anos, GII para alunas de 31 a 50 e GIII para alunas acima de cinquenta anos.

Quadro 1. Mulheres divididas por grupos de acordo com suas idades, Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Grupo I, mulheres de 15 a 30 anos
Grupo II, mulheres de 31 a 50 anos
Grupo III, mulheres acima de 51 anos

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

No Módulo IV encontra-se um número maior de alunas do GI e nos módulos iniciais há um número muito pequeno de alunas deste grupo. Já nos módulos I e II a quantidade de mulheres acima de 51 anos (G3) é maior, e no Módulo III se concentram as mulheres do G2. Para que houvesse um equilíbrio na coleta de informações da pesquisa, o número de alunas entrevistadas por módulo em relação à idade foi proporcional em relação ao número de alunas matriculadas.

Quadro 2. Módulos e séries do Ensino Fundamental correspondentes, Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Módulos	
Módulo I	(1ª e 2ª séries do EF)
Módulo II	(3ª e 4ª séries do EF)
Módulo III	(5ª e 6ª séries do EF)
Módulo IV	(7ª e 8ª séries do EF)

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

O Centro oferece quatro turmas de módulos I e II, 11 turmas de Módulo III e 17 turmas de Módulo IV, distribuídas ao longo do dia. A maior procura de vagas é para os horários das 7h30 às 9h45 e das 20h15 às 22h30, que atendem principalmente alunas trabalhadoras. Nos outros horários a procura é um pouco menor. Além desses, temos o horário das 10h às 12h15, onde há um número maior de adolescentes, o das 17h45 às 20h, procurado por aquelas que saem do trabalho e vão direto para a escola e, ainda, o horário das 15h25 às 17h40, que é o menos procurado. O Cieja Profa. Marlúcia Gonçalves de Abreu é um dos poucos que oferecem vagas para esse horário, por ainda ter alguma demanda. Os outros Ciejas alegam não terem procura para esse horário.

Quadro 3. Número de turmas por módulo e horário, Cieja Profa. Marlúcia, 2015

HORÁRIOS	MÓDULO I	MÓDULO II	MÓDULO III	MÓDULO IV	TOTAL
7h30 às 9h45	1	1	2	4	08
10h às 12h15	---	1	2	4	07
15h25 às 17h40	1	---	2	2	04
17h45 às 20h	1	1	2	4	09
20h15 às 22h30	1	1	3	3	08
TOTAL GERAL	04	04	11	17	36

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Foi estabelecida uma amostragem levando em conta o número de alunas por módulo, turma e período para que houvesse equilíbrio no número de questionários. Contudo, foram encontradas dificuldades em entrevistar alunas mais jovens nos módulos I e II e alunas com mais de 51 anos no Módulo IV. Na tabela e no gráfico abaixo podemos visualizar a distribuição das alunas pelos módulos, considerando sua faixa etária. Percebe-se que, ao contrário do ensino regular em que a série ou etapa cursada corresponde à idade, e costuma

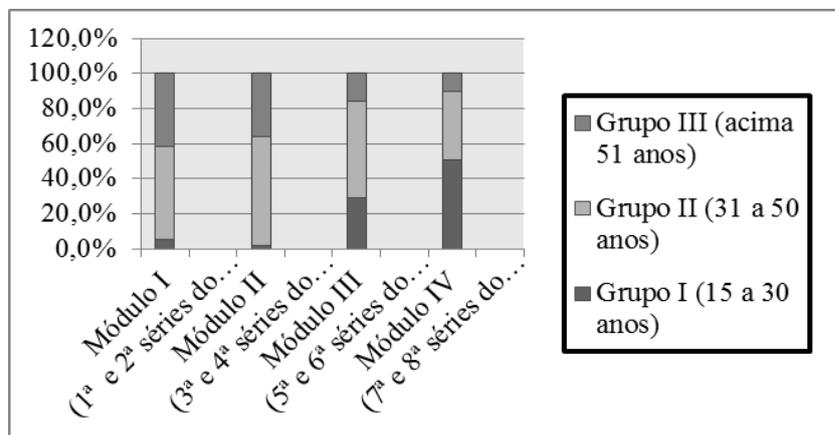
avançar com esta, no Cieja as jovens estão concentradas nos módulos mais avançados, e as mulheres mais idosas nos módulos iniciais.

Tabela 1. Número e percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo escolar e grupo de idade, 2015

Módulos	Grupo I (15 a 30 anos)	Grupo II (31 a 50 anos)	Grupo III (acima 51 anos)	Total
Módulo I (1ª e 2ª séries do EF)	2 (5,6%)	19 (52,8%)	15 (41,6%)	36
Módulo II (3ª e 4ª séries do EF)	1 (2%)	31 (62%)	18 (36%)	50
Módulo III (5ª e 6ª séries do EF)	42 (28,8%)	81 (55,5%)	23 (15,7%)	146
Módulo IV (7ª e 8ª séries do EF)	117 (50,6%)	91(39,4%)	23 (10%)	231
Total	162	222	79	463

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Gráfico 1. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo e grupo de idade, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Foi feito, também, levantamento por período. Por se tratar de um público específico há particularidades na escolha do horário para estudo; consideraram-se vários fatores, como idade, trabalho, distância entre local da escola e da casa/trabalho, entre outros. A análise foi feita a partir do número de alunas em cada grupo, por período, em relação ao total geral de alunas na escola.

Tabela 2. Número de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por grupo de idade e período, 2015

Período*	Grupo I (15 a 30 anos)	Grupo II (31 a 50 anos)	Grupo III (acima 51 anos)	Total
Manhã (15 turmas)	85	72	37	194
Tarde (13 turmas)	60	82	34	176
Noite (8 turmas)	17	68	8	93
Total	162	222	79	463

*Cada período possui dois turnos de duas horas e quinze minutos cada um.

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Para obter respostas à questão principal desta pesquisa, sobre o perfil das mulheres que retomam seus estudos no Cieja Profa. Marlúcia, foi criado um questionário que buscou informações quanto ao perfil dessas alunas e a relação delas com a escola, contendo 21 questões de múltipla escolha. Algumas questões pediam resposta única e outras possibilitavam mais de uma. Antes da aplicação foi realizado um pré-teste com algumas alunas, o qual apontou algumas mudanças, como nas questões 06, 08 e 16. Foram apresentadas duas questões dissertativas a fim de buscar informações sobre o que elas pensam da relação entre sua condição de mulher e sua vida escolar, e outra sobre como organizam seu horários de estudos, suas atividades familiares e seu trabalho.

O fato de boa parte delas estar há muito tempo fora da escola, ou nunca ter estudado ou ainda ter muita dificuldade de aprendizagem, levou-nos a estabelecer alguns critérios para a aplicação do questionário. Para as alunas dos módulos I e II, que estão em processo de alfabetização e por isso têm muita dificuldade em leitura e interpretação, o questionário foi aplicado individual e oralmente, isto é, as questões e as alternativas eram lidas para cada uma delas, que indicavam as alternativas desejadas. Foi interessante, pois junto com a escolha da resposta elas faziam algumas considerações, contribuindo ainda mais para a pesquisa.

Para as alunas dos módulos III e IV, como já passaram da fase de alfabetização, o questionário foi entregue para que elas mesmas lessem e respondessem as questões de acordo com o seu entendimento e sua realidade. Porém como é uma característica da EJA em geral e também das alunas do Cieja, a insegurança e a dificuldade de leitura e interpretação fizeram com que três alunas dos módulos III e IV solicitassem ajuda para responderem o questionário. Diga-se que entre as que responderam sozinhas, uma não conseguiu responder todas as questões.

No mês de agosto de 2015, foram entrevistadas cinquenta e nove alunas. O número foi estabelecido por amostragem, conforme a quantidade de alunas matriculadas por módulo e por período. Todos os períodos foram contemplados, com exceção do horário das 15h25 às 17h40, por ter menos da metade de turmas dos outros períodos. As entrevistas foram realizadas dentro da unidade e durante o horário de aula, com autorização do professor e da aluna, uma vez que muitas têm seus compromissos ao saírem da escola.

Tabela 3. Número de mulheres entrevistadas no Cieja Profa. Marlúcia por idade e módulo, 2015

	Idade	Idade	Idade	Total
Módulo	15 a 30	31 a 50	Acima de 51	Geral
I	2	6	2	10
II	3	3	3	9
III	4	4	3	11
IV	10	15	4	29
Total Geral	19	28	12	59

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Tabela 4. Número de mulheres entre 15 a 30 anos entrevistadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo, período e idade, 2015

Módulo	Idade/Período	Idade/Período	Idade/Período	Total Geral
	15 a 30	15 a 30	15 a 30	15 a 30
	Manhã*	Tarde*	Noite*	
I	2	0	0	2
II	2	0	1	3
III	2	1	1	4
IV	4	4	2	10
Total Geral	10	5	4	19

*Manhã: dois turnos de 2h15, das 7h30 às 9h45 e das 10h às 12h15.

*Tarde: foi entrevistado apenas um turno de 2h15, das 17h45 às 20h.

*Noite: um turno das 20h15 às 22h30.

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Na tabela acima pode-se observar que o maior número de alunas entrevistadas entre 15 e 30 anos concentra-se no Módulo IV, e com isso, não houve nenhuma entrevista nos módulos

I e II, nos períodos da tarde e noite. Isso ocorre devido ao fato de as menores de 30 anos estarem mais concentradas no período da manhã, uma vez que os períodos da tarde (17h45 às 20h) e noite (20h15 às 22h30) são ocupados preferencialmente por alunas acima de 30 anos que estão empregadas.

Tabela 5. Número de mulheres entre 31 a 50 anos entrevistadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo, período e idade, 2015

Módulo	Idade/Período	Idade/Período	Idade/Período	Total Geral
	31 a 50	31 a 50	31 a 50	31 a 50
	Manhã	Tarde	Noite	
I	2	1	3	6
II	2	0	1	3
III	3	1	0	4
IV	8	5	2	15
Total Geral	12	4	12	28

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

As mulheres de 31 a 50 anos, que em sua maioria estão no Módulo IV, dividem-se entre manhã e tarde para poderem conciliar o trabalho e os estudos. Algumas trabalham após as 10h da manhã, outras trabalham o dia todo e têm a noite para estudar, e existe, ainda, um grupo pequeno que trabalha durante a noite, sai do trabalho e vai direto para o primeiro horário da escola.

Tabela 6. Número de mulheres acima de 51 anos entrevistadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo, período e idade, 2015

Módulo	Idade/Período	Idade/Período	Idade/Período	Idade/Período	Total Geral
	Acima de 51	Acima de 51	Acima de 51	Acima de 51	Acima de 51
	Manhã	Tarde	Noite	Não respondeu	
I	1	1	0	0	2
II	2	1	0	0	3
III	2	1	0	0	3
IV	1	0	2	1	4
Total Geral	6	3	2	1	12

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

O número de alunas acima de 51 anos matriculadas no noturno é baixo, elas aparecem mais no período da manhã. Apesar de o número de matriculadas nos módulos I e II ser menor que o dos módulos III e IV, a diferença é muito pequena. Esse dado nos aponta mais uma vez que as alunas mais jovens têm e tiveram mais oportunidades de estudar na idade certa.

A escolha de seus horários de estudos aponta para suas relações e compromissos com família, casa, trabalho, saúde e religião. A escola oferece vários horários ao longo do dia, justamente para atender os diferentes públicos, com seus diversos objetivos. Elas estão presentes nos diferentes horários com suas devidas justificativas, mas, mesmo assim, as dificuldades com transporte e horário de trabalho como horas extras tornam mais difícil sua frequência às aulas.

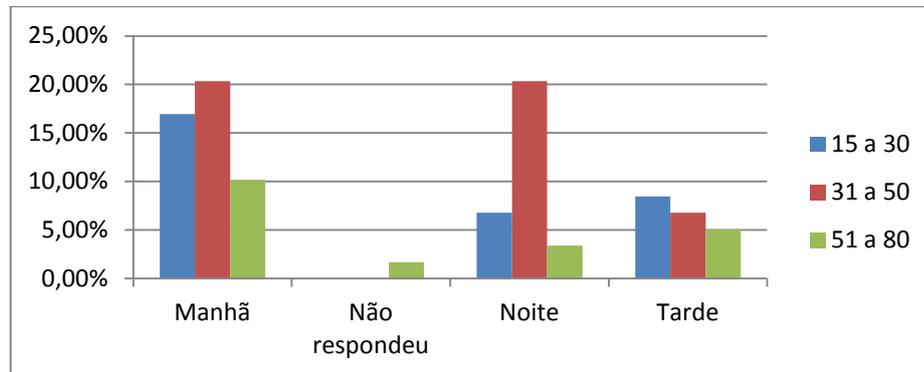
Tabela 7. Mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por período, 2015

Horário de Estudos	%
Manhã	47,5%
Noite	30,5%
Tarde	20,3%
Não respondeu	1,7%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

No período da manhã há uma maior concentração de alunas matriculadas. A procura corresponde basicamente àquelas que trabalham à tarde e à noite, e também às alunas mais jovens que não estão no mercado de trabalho, mas fazem cursos em outros horários e às senhoras que conciliam a escola com outras atividades, como os cuidados com os netos ou tarefas religiosas. O período noturno é o mais procurado por aquelas que trabalham o dia todo; o horário das 20h15 lhes permite um tempo para passarem em casa, tomarem banho e jantarem, antes de irem para a escola. O período da tarde, das 17h45 às 20h, é escolhido pelas mulheres que saem do trabalho e vão direto para a escola, sem terem a oportunidade de passar em casa antes, e também por aquelas que moram mais distante da escola, pois podem chegar mais cedo em suas residências.

Gráfico 2. Percentual de idade de mulheres matriculadas em cada período no Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Os relatos que justificam a escolha de seus horários de estudos trazem, em primeiro lugar, o período de trabalho como fator decisivo, seja para as que estão empregadas seja para aquelas que procuram uma colocação no mercado de trabalho. Outra preocupação é conciliar o horário de estudos com os cuidados com a família e a casa, com os filhos em idade escolar. Seu horário de estudos tem que ser o mesmo deles, pois os deixam na escola e vão para a aula; o período de duas horas e quinze que ficam na escola as favorece. As mais velhas, além de cuidarem da casa, cuidam dos netos; seus horários são pensados em função do período em que têm de cuidar deles, para que os pais possam trabalhar – e algumas ainda relatam compromissos com a igreja. E por fim temos também as que conciliam seus horários com outros cursos que fazem, geralmente profissionalizantes.

1. O Cieja Profa. Marlúcia Gonçalves de Abreu

O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – Cieja é um Projeto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME), com base no Parecer CME 10/02 – aprovado em 7 de novembro de 2002 e implantado em 2003, através do Decreto Nº 43.052, de 4 de abril de 2003.

O Projeto do CIEJA resgata parte da história da EJA no Brasil e também o primeiro Projeto de Centro Municipal de Ensino Supletivo (CEMES) realizado em 1992, na gestão da Prefeita Luíza Erundina e aprovado pelo Parecer nº 1.344/92 do Conselho Estadual de Educação (CEE). No Projeto do CEMES, a intenção principal era atender "grupos específicos de trabalhadores que necessitam do 1º grau, mas que não têm possibilidade de frequentar a escola diariamente, e nem cumprir a carga horária que a escola exige (...) os Centros vêm dar autonomia pedagógica e administrativa aos projetos especiais e ligados às escolas e criam possibilidade real de alternativa para a educação do trabalhador". (SÃO PAULO, 2002)

O Centro Municipal de Ensino Supletivo – Cemes São Mateus foi implantado no Núcleo de Ação Educativa (NAE) 13 pelo Decreto 37.745 de 8 de dezembro de 1998 e transformado em Cieja São Mateus pelo Decreto nº 43.052 de 4 de abril de 2003. Pelo Decreto nº 54.459, de 14 de outubro de 2013, o nome do centro foi alterado para Cieja Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu, em reconhecimento ao trabalho de uma professora que ingressou no Centro em 2003 e lá permaneceu até 2009, ano de seu falecimento. Formada pela Universidade de São Paulo em Matemática, com longa experiência profissional, ela foi atuante nos Sindicatos da categoria (Apeoesp e Sinpeem), representante da UBM – União Brasileira de Mulheres, da direção do PCdoB em Itaquera, atuou na organização de grêmios estudantis nos bairros de São Mateus e Itaquera, enfim, alguém com enorme engajamento com a profissão e com a região em que atuava.

Em 2013 houve um movimento na unidade escolar, com abaixo assinado e depoimentos de alunos e professores sobre a importância do trabalho da professora Marlúcia para o Cieja; a troca de nome seria uma forma de reconhecimento de sua dedicação. A Coordenadora Geral encaminhou a solicitação à SME que atendeu ao pedido com a publicação no Diário Oficial no dia 15 de outubro, dia dos professores, assinado pela vice-prefeita Nádia Campeão, companheira de Marlúcia durante a sua atuação no PCdoB.

CONSIDERANDO o relevante trabalho desenvolvido pela Professora Marlúcia Gonçalves Abreu em prol do Ensino Municipal, destacando-se pela dedicação à formação de jovens e adultos, DECRETA: Fica denominado Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu o centro integrado de educação de jovens e adultos criado pelo Decreto nº 37.745, de 8 de dezembro de 1998, com a alteração do Decreto nº 43.052, de 4 de abril de 2003, situado na Avenida Mateo Bei, nº 1651, Distrito de São Mateus, vinculado à Diretoria Regional de Educação de São Mateus, da Secretaria Municipal de Educação (SÃO PAULO, 2013).

O CIEJA Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu está localizado no extremo leste da cidade de São Paulo, no bairro de São Mateus. A unidade atende a cerca de 800 matriculados, cujas idades variam entre 15 e 80 anos.

Está instalado em um prédio alugado pela Prefeitura, na Avenida Mateo Bei, desde 2003, quando da sua reestruturação, para que pudesse atender à demanda e às novas orientações. Antes estava instalado em uma casa adaptada na Rua Mário Cataruzza, também em São Mateus. O novo prédio também foi adaptado para atender ao Projeto, pois se tratava originalmente de um prédio comercial.

O espaço possui oito salas de aulas, ocupadas em todos os períodos (7h30 às 22h30), com exceção dos horários das 10h e 15h25, pois a procura é menor. Desde 2013 a gestão vem realizando reparos e consertos, por se tratar de um prédio antigo e com necessidade de adaptações, principalmente de acessibilidade para poder atender aos alunos com deficiência ou dificuldade de locomoção.

Por estar no centro comercial do bairro, em seu entorno encontram-se os principais comércios da região e bancos. Fica próximo ao CAPS – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas e CAPS Infantil, ao lado do CAT – Centro de Apoio ao Trabalhador, e perto, também, do hospital São Mateus, do Abrigo de Crianças e Adolescentes, de instituições de medidas socioeducativas e da Fundação Casa (feminino e masculino), entre outros. Por estar instalado em uma avenida de grande circulação, com boa disponibilidade de transporte coletivo, o Cieja é procurado o ano todo, por moradores do bairro e da região e por frequentadores de outros equipamentos públicos que trabalham com pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Há 15 Ciejias em todo o município de São Paulo. Na região de São Mateus localizam-se três deles: Cieja Sapopemba, Cieja Iguatemi e Cieja Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu. O Projeto visa possibilitar ao aluno trabalhador a continuidade de seus estudos, através da flexibilização de horário, troca de horário conforme sua necessidade, com um período de permanência de duas horas e quinze minutos em sala de aula e o restante da carga horária completada com atividades extraclasse, distribuídas ao longo do dia. As turmas/séries estão organizadas por módulos e cada uma corresponde a dois anos da escola regular do Ensino Fundamental (ver Quadro 2).

O Itinerário formativo é apresentado ao aluno como aulas de formação profissional integrada à Educação Básica. Após a implantação do Projeto, essa formação só aconteceu, na prática, no final da gestão da Prefeita Marta Suplicy (2004), mediante convênio com o SENAC, que oferecia de forma integrada ao Ensino Fundamental cursos profissionalizantes

de acordo com a realidade de cada Centro. No Cieja Profa. Marlúcia foram oferecidos os cursos de serviços de beleza e serviços de atendimento em vendas. Na mudança da gestão municipal com a posse de José Serra e Gilberto Kassab, este convênio foi cancelado e o Itinerário formativo passou a ser de Informática, para todos os Ciejás.

Ademais, em virtude da descontinuidade na parceria da SME com o SENAC/São Paulo para a oferta dos Itinerários formativos, foi realizada pesquisa junto à rede municipal para conhecer os interesses dos alunos que buscam inserção no mercado do trabalho. O resultado apontou que a Qualificação Profissional de nível básico em Informática é a mais indicada para a oferta nos CIEJAs. (Parecer CME nº 88/06 - CEB - Aprovado em 21/12/06 - SME/DOT/EJA)

A equipe gestora do Cieja é composta por um coordenador geral, que exerce a função de diretor, um assistente de coordenador geral, que tem a mesma função do assistente de diretor, e dois assistentes pedagógicos educacionais que respondem pela coordenação pedagógica dos Centros, habilitados com qualificação mínima de Licenciatura Plena e Pedagógica, Habilitação em Administração Escolar e mínimo de três anos de magistério.

A equipe docente é formada por professores do Ensino Fundamental (EF) I e professores do Ensino Fundamental (EF) II e médio. As equipes gestora e docente são formadas por profissionais da rede municipal designados para exercerem suas funções. Cada Cieja tem número diferenciado de professores dependendo da realidade local, sendo que o Cieja Profa. Marlúcia possui sete professoras do EF I, atuantes nos módulos I e II, e vinte professores do EF II, divididos em áreas de conhecimento. São sete professores em Linguagens e Códigos (Inglês, Português, Arte e Educação Física), cinco professores em Ciências Humanas (História e Geografia), seis professores em Ciências da Natureza (Matemática e Ciências), um professor de Linguagens e Códigos que trabalha com as aulas de Informática (uma vez que não houve contratação de profissional especialista) e ainda uma professora especialista em Educação Especial para a SAAI (Sala de Apoio e Acompanhamento a Inclusão), devido ao número muito grande de alunos com deficiências intelectuais.

A equipe escolar é completada por um secretário, um auxiliar de secretaria, quatro agentes administrativos, três agentes escolares e dois vigias. Para trabalhar nos Ciejás o professor deve ter disponibilidade para participar do PEA – Projeto Especial e Ação, para isso sua opção de jornada deve ser JEIF – Jornada Especial Integral de Formação ou JBD – Jornada Básica Docente mais oito horas adicionais.

É no PEA que acontece a articulação dos estudos às ações pedagógicas de todo o Centro: as atividades interdisciplinares são traçadas, planejadas e avaliadas ao longo do ano

letivo e das reuniões de formação. São oito horas semanais de estudos divididas em dois dias com quatro horas: no primeiro dia o grupo realiza estudos de autores que orientam a prática e no segundo dia divide-se por área de conhecimento e elabora e organiza as ações a serem realizadas com os alunos, garantindo a flexibilização do currículo e do horário destes. O planejamento do conteúdo será igual para todos os períodos, pois o aluno pode assistir às aulas fora de seu horário de matrícula, mediante justificativa, para não perder o conteúdo e nem acumular faltas. Os estudos e as atividades têm um tema gerador escolhido no início do ano, a partir da sondagem realizada nessa fase e da avaliação das atividades realizadas no ano anterior. Cada área articula o tema ao conteúdo das matérias e de forma dialógica vai construindo um novo currículo que garanta os direitos de aprendizagem do educando, favorecendo sua participação no processo de ação-reflexão-ação. Os estudos em sala de aula culminam em apresentações coletivas e individuais. Todas as atividades são avaliadas durante o PEA, a partir de observações dos pontos positivos e negativos, que orientam possíveis tomadas de decisões. Os alunos também participam deste processo de avaliação durante as aulas, de forma coletiva e individual, através da autoavaliação.

O processo avaliativo do Cieja é muito importante. Além das avaliações realizadas no PEA em sala de aula, ao final do ano letivo a gestão realiza avaliações com os alunos, em que eles opinam sobre a escola como um todo: entrega da merenda, atendimento da secretaria, ações dos professores e ações da gestão. Em seguida é dada a devolutiva aos membros de cada equipe, através de avaliações individuais e autoavaliações dos profissionais de todo o Centro.

O Cieja tem parceria com: abrigos da região, que atendem crianças em situação de vulnerabilidade social; Fundação Casa, que assiste os menores infratores; CAPS, que trata de adultos e crianças dependentes químicos e com problemas psicológicos; Mater Dei, que abriga mulheres com deficiência intelectual e Casa Azaléia, instituição da Fundação Casa que atende meninas com problemas com a justiça. É feito o acolhimento de todos os que procuram o Cieja, havendo vaga a matrícula é realizada mediante a apresentação dos documentos necessários, não havendo vaga o aluno fica numa lista de espera, surgindo a vaga ele é chamado para realizar sua matrícula. Ao se matricular no Cieja, o aluno menor e seus responsáveis passam por uma entrevista com os assistentes pedagógicos educacionais. No caso dos alunos com deficiência, a professora de SAAI também está presente na entrevista, para que o Centro possa conhecê-los e traçar ações diferenciadas para esses novos alunos da EJA.

Observa-se que o perfil de aluno(a) adulto(a) trabalhador(a) mudou. Os Centros recebem hoje alunos a partir dos 15 anos, com histórico de fracasso escolar. Alguns trabalham informalmente; outros, apesar da pouca idade, já tiveram problemas com a justiça; e os Centros recebem, também, aqueles alunos que não tiveram oportunidade de frequentar uma escola regular por terem alguma deficiência. Com os adultos não é realizada esta entrevista inicial, durante o processo eles vão contando suas histórias espontaneamente ou sendo induzidos pelo currículo desenvolvido, sob a forma de depoimentos.

Em 2001/2002, foram formados grupos de estudos (compostos por professores, gestores, supervisores e representantes da SME) para analisar o perfil do aluno e as ações do antigo Cemes, cujos resultados foram apresentados no Parecer CME 10/02, aprovado em 7 de novembro de 2002. Um dado que despertou interesse foi que, já naquele período, a maioria do alunado era feminina (56,2%, enquanto o masculino era de 43,8%). Em 2015, no Cieja Profa. Marlúcia Gonçalves de Abreu, este perfil permanece, pois ainda há mais mulheres matriculadas do que homens.

2. Perfil das alunas do Cieja Profa. Marlúcia Gonçalves de Abreu

As mulheres que buscam atualmente o Ensino Fundamental trazem consigo histórias de vida com características peculiares. A análise dos dados quanto ao módulo, idade, origem, estado civil, etnia apontam indicadores das dificuldades enfrentadas por determinados grupos na continuidade dos estudos em relação a outros grupos.

Tabela 8. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por grupo de idade, 2015

Idade	%
15 a 30	32,2%
31 a 50	47,5%
51 a 80	20,3%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

O Cieja tem um número marcante de mulheres na fase adulta, a maioria está entre 31 e 50 anos. Seguem-se as alunas adolescentes e abaixo dos trinta anos e as mulheres com 51 anos ou mais.

Tabela 9. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo escolar, 2015

Módulo	%
I (1ª e 2ª séries do EF)	16,9%
II (3ª e 4ª séries do EF)	15,3%
III (5ª e 6ª séries do EF)	18,6%
IV (7ª e 8ª séries do EF)	49,2%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Ao comparar os dados por idade e módulo escolar observa-se que o Módulo IV, fase final do Ensino Fundamental, apresenta o maior número de alunas matriculadas, representando quase metade do total. Enquanto as mulheres mais idosas estão distribuídas equilibradamente entre os quatro módulos, as mais jovens e as adultas concentram-se no módulo mais avançado.

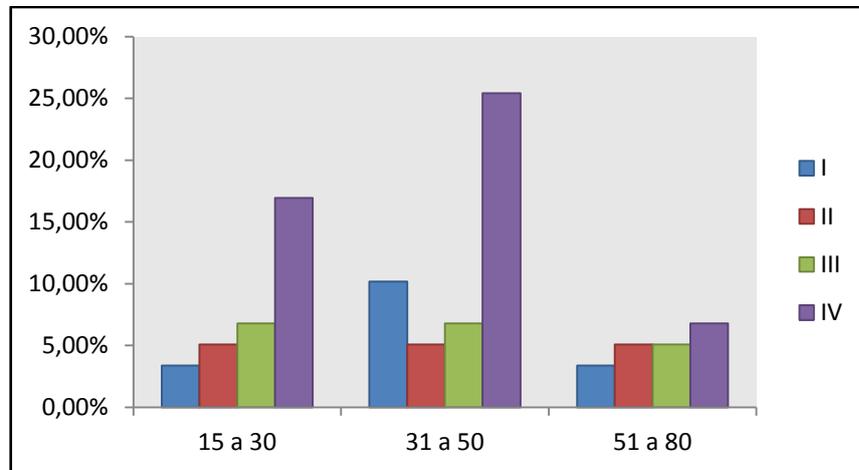
Tabela 10. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo escolar e grupo de idade, 2015

Idade	Módulo I	Módulo II	Módulo III	Módulo IV	Total Geral
15 a 30	3,4%	5,1%	6,8%	16,9%	32,2%
31 a 50	10,2%	5,1%	6,8%	25,4%	47,5%
51 a 80	3,4%	5,1%	5,1%	6,8%	20,3%
Total Geral	16,9%	15,3%	18,6%	49,2%	100%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

No Módulo I Alfabetização, as alunas entre 15 e 30 anos representam apenas 3,4% das alunas matriculadas. É a mesma porcentagem das acima dos 51 anos, porém se distribuem em proporções diferentes, já que há um número maior de alunas entre 31 e 50 anos na matrícula geral.

Gráfico 3. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por módulo escolar e grupo de idade, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Embora correspondam à minoria das alunas matriculadas, aquelas acima de 51 anos apresentam números equilibrados em relação à seriação, enquanto os outros grupos não mostram equilíbrio na distribuição das matrículas. Tal análise nos sugere a tendência de que quanto menor a idade maior a escolarização, e quanto maior a idade menor a escolarização.

A maioria das entrevistadas é da região Sudeste, seguida das regiões Nordeste e Norte. Não foi entrevistada nenhuma aluna das regiões Sul e Centro-Oeste, sendo que duas alunas não responderam ou não souberam responder.

Tabela 11. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por região de origem, 2015

Origem/Região	%
Sudeste	47,5%
Nordeste	40,7%
Norte	8,5%
Não respondeu	3,4%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

O Cieja sempre acolheu e ainda acolhe migrantes, principalmente nordestinos, pois para muitos deles este Centro é o meio que encontraram para terminar ou iniciar seus estudos. As mulheres vindas da região Nordeste representam o segundo grande grupo de alunas

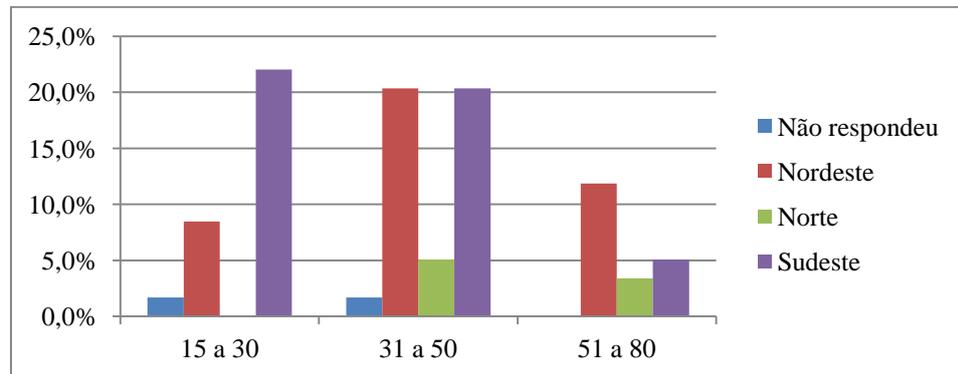
matriculadas. Um dos relatos recorrentes ao serem entrevistadas foi que não estudaram porque a escola era muito distante do local onde moravam, frequentaram-na por pouco tempo e logo tiveram que abandoná-la.

Tabela 12. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por região de origem e grupos de idade, 2015

Idade	Não respondeu	Nordeste	Norte	Sudeste	Total Geral
15 a 30	1,7%	8,5%	0,0%	22,0%	32,2%
31 a 50	1,7%	20,3%	5,1%	20,3%	47,4%
51 a 80	0,0%	11,9%	3,4%	5,1%	20,4%
Total Geral	3,4%	40,7%	8,5%	47,4%	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Gráfico 4. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por região de origem e grupos de idade, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Observa-se que as mais jovens são nascidas na mesma região onde estudam, sendo a maioria de São Paulo. Já as mais velhas vieram de outras regiões, principalmente do Nordeste, região contrastante em oportunidades de escolarização, uma vez que em São Paulo o acesso à educação é mais fácil do que em outras regiões do país.

Independentemente da região onde nasceram, a sobrevivência se sobrepôs à educação em determinado momento de suas vidas. O fato é que, nascidas em São Paulo ou não, todas moram em bairros afastados da região central da cidade, onde a oferta de empregos é maior, e dependem de transportes coletivos que muitas vezes não atendem a suas necessidades.

Tabela 13. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por estado civil, 2015

Estado Civil	%
Casada	54,2%
Solteira	35,6%
Divorciada	5,1%
Viúva	5,1%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Os relacionamentos diferem um pouco em relação à idade. Não foi perguntado às entrevistadas que disseram ser casadas se eram casadas no civil ou não, pois muitas se consideram casadas por morarem com outra pessoa. As que disseram ser viúvas ou divorciadas são as mais velhas, e é entre estas também que há um número maior de casadas. Entre as mais jovens verifica-se um equilíbrio entre o número de solteiras e casadas.

Há no Cieja o encontro das diversidades de gênero, etnia, cultura, religião, idade. Praticamente todas as entrevistadas têm histórico de discriminação, o que dificulta a identificação e o próprio reconhecimento como cidadã. Além das questões de gênero, situadas no cerne desta pesquisa, as questões étnico-raciais fazem parte do currículo nacional através da Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas, buscando assegurar o reconhecimento e a valorização da identidade negra. O Cieja, para atender a essa demanda, trabalha com Projetos que partem de um tema gerador proposto e discutido pela comunidade escolar e que atenda aos direitos de aprendizagem do aluno. Em 2014 e 2015 foi apontada a necessidade de trabalhar a diversidade, pois em sua maioria os alunos matriculados são afrodescendentes, apesar de muitos não se identificarem como tal, como mostra esta pesquisa.

A maioria das entrevistadas se autodeclarou branca ou parda. Muitas apresentaram dúvidas para responder e três responderam “outros”, autodeclarando-se “morena” e “morena clara”. Cabe lembrar que na classificação de cor ou raça usada pelo IBGE, a categoria “negro” inclui pretos e pardos. No entanto, a grande maioria das alunas pretas identificou-se como “negra”, pois as palavras “preto” ou “preta” são tradicionalmente vistas de forma pejorativa. Foi por isso que, nas perguntas dos questionários e nos gráficos e tabelas referentes a cor ou raça, utilizaram-se os termos empregados pelas alunas em sua autodescrição, e não os da classificação do IBGE.

Tabela 14. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça, 2015

Cor	%
Branca	44,1%
Parda	44,1%
Negra	6,8%
Morena	5,1%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Mesmo que o tema seja discutido no Cieja, muitas alunas encontram dificuldades em autoidentificar-se ou autodeclarar-se como pretas ou mesmo negras, provavelmente em razão do racismo velado existente no contexto brasileiro, que sugere sempre associações negativas em relação à condição negra.

Tabela 15. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça e módulo escolar, 2015

Cor	Módulo I	Módulo II	Módulo III	Módulo IV	Total Geral
Branca	6,8%	0,0%	6,8%	30,5%	44,1%
Morena	0,0%	0,0%	3,4%	1,7%	5,1%
Negra	1,7%	1,7%	1,7%	1,7%	6,8%
Parda	8,5%	13,6%	6,8%	15,3%	44,1%
Total Geral	16,9%	15,3%	18,6%	49,2%	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Temos, então, a maioria das alunas autodeclaradas brancas no Módulo IV e as alunas autodeclaradas pardas mais presentes nos módulos II e IV. As alunas negras se distribuem por igual nos módulos I, II, III e IV. Nossa pesquisa sugere que a desvantagem escolar da população negra quando comparada com a população branca é maior.

O Censo Demográfico de 2010, ao analisar os dados de analfabetismo no Brasil, mostra a diminuição de mulheres analfabetas no país, em comparação com os dados do Censo de 2000. Ele aponta, porém, que as diferentes regiões, as diferentes idades e as diferenças de cor ou raça oferecem desvantagens para as mulheres que vivem em lugares menos privilegiados, que têm mais idade e para as mulheres pretas. Embora apresente maior percentual de diminuição de mulheres analfabetas pretas e jovens, em relação às brancas e às pardas, as brancas ainda possuem vantagens em termos de escolarização.

Tabela 16 - Proporção de mulheres de 15 anos de idade ou mais que não sabiam ler nem escrever e variação, por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões e algumas características selecionadas – IBGE 2000/2010

Grandes Regiões e algumas características selecionadas	Proporção de mulheres de 15 anos ou mais de idade que não sabiam ler nem escrever (%)											
	2000				2010				Variação			
	Total	Grupos de idade			Total	Grupos de idade			Total	De 15 a 29 anos	De 30 a 59 anos	Com 60 anos ou mais
		De 15 a 29 anos	De 30 a 59 anos	Com 60 anos ou mais		De 15 a 29 anos	De 30 a 59 anos	Com 60 anos ou mais				
Brasil	12,9	4,4	13,4	36,6	9,1	1,9	8,5	27,4	(-) 28,8	(-) 55,8	(-) 36,1	(-) 24,8
Norte	15,1	6,4	18,2	47,8	10,3	3,1	11,2	37,1	(-) 31,4	(-) 51,0	(-) 38,2	(-) 21,9
Nordeste	23,1	9,2	26,6	55,7	16,9	3,8	18,1	46,1	(-) 26,4	(-) 58,3	(-) 31,6	(-) 16,7
Sudeste	8,5	1,9	8,0	27,6	5,7	0,8	4,5	19,1	(-) 31,8	(-) 54,6	(-) 43,6	(-) 30,4
Sul	8,1	1,7	7,6	26,4	5,4	0,8	4,2	18,0	(-) 32,2	(-) 54,6	(-) 43,4	(-) 31,4
Centro-Oeste	10,4	2,5	11,3	40,8	6,9	1,0	6,2	27,9	(-) 32,6	(-) 58,9	(-) 44,8	(-) 31,2
Situação do domicílio												
Urbana	10,3	3,0	10,2	32,1	7,3	1,3	6,4	23,5	(-) 28,6	(-) 54,3	(-) 37,1	(-) 26,4
Rural	27,0	11,6	31,3	60,8	21,1	5,5	23,1	52,3	(-) 21,3	(-) 52,7	(-) 25,7	(-) 13,6
Cor ou raça												
Branca	8,6	2,5	8,0	26,6	5,8	1,1	4,5	17,8	(-) 32,5	(-) 54,6	(-) 42,7	(-) 32,7
Preta	22,2	7,5	23,3	57,1	14,0	2,5	13,1	42,7	(-) 36,2	(-) 65,5	(-) 43,3	(-) 24,6
Parda	17,9	6,3	20,5	53,2	12,1	2,5	12,4	40,1	(-) 31,6	(-) 60,1	(-) 39,1	(-) 24,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

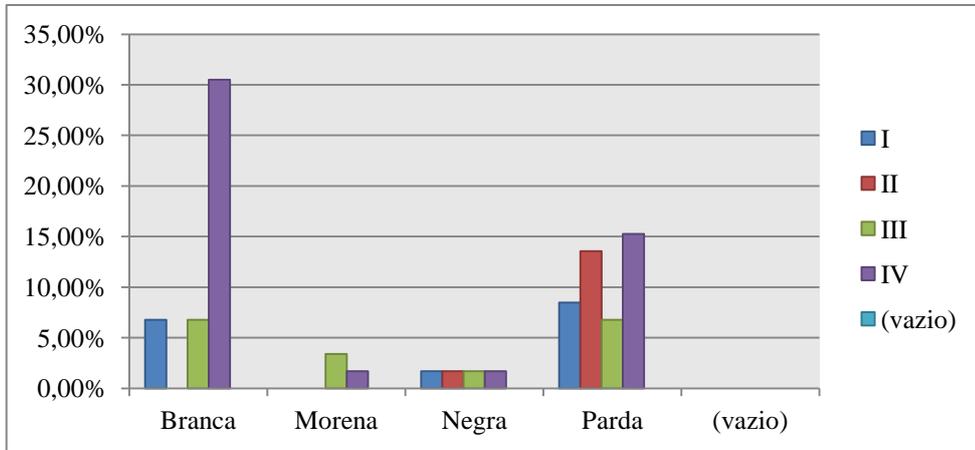
Fonte: IBGE. **Estudos & Pesquisas**. Estatísticas de Gênero – Uma análise do Censo Demográfico 2010.

Tabela 17. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça e região de origem, 2015

Cor	Nordeste	Norte	Sudeste	Não respondeu	Total Geral
Branca	15,3%	1,7%	23,7%	3,4%	44,1%
Morena	1,7%	1,7%	1,7%	0,0%	5,1%
Negra	1,7%	1,7%	3,4%	0,0%	6,8%
Parda	22,0%	3,4%	18,6%	0,0%	44,1%
Total Geral	40,7%	8,5%	47,5%	3,4%	100,0%

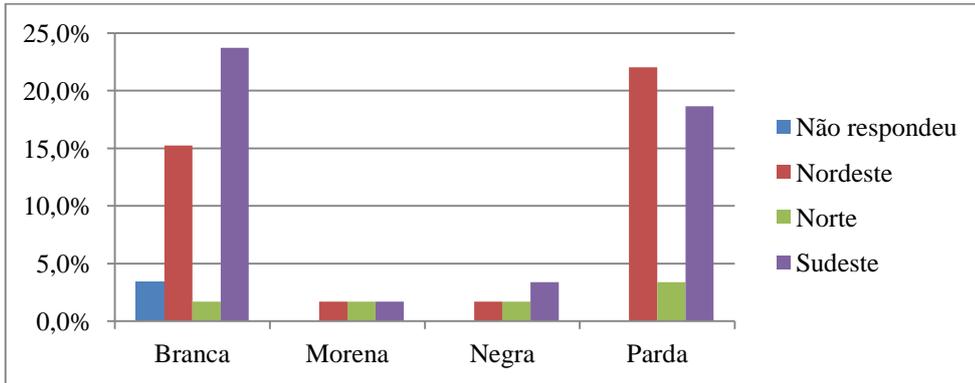
Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Gráfico 5. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça e módulo escolar, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Gráfico 6. Percentual de mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia por cor/raça e região de origem, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

O local de onde vieram ou onde vivem atualmente também influenciou na escolarização, além das dificuldades encontradas em suas regiões de origem. Cada mulher tem uma história a ser contada e todas têm a sua história entrelaçada ao coletivo.

3. Relação das estudantes do Cieja com a escola

A grande maioria das mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia em algum momento de sua vida frequentou a escola, por um curto ou por um longo período.

Tabela 18. Frequência anterior à escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Fase da Vida	%
Criança	74,6%
Adulta	13,6%
Nunca	6,8%
Criança/Adulta	5,1%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

O acesso à escolarização quando criança foi comum à maioria. Algumas retornaram aos estudos antes de chegarem ao Cieja, mas pararam mais uma vez; outras voltaram agora e muito poucas têm o Cieja como a sua primeira escola. Os motivos que as fizeram parar de estudar são vários e, frequentemente, há associação entre diversos fatores. No entanto, o que mais dificultou a permanência delas na escola foi, como podemos ver na tabela abaixo, a necessidade de trabalhar.

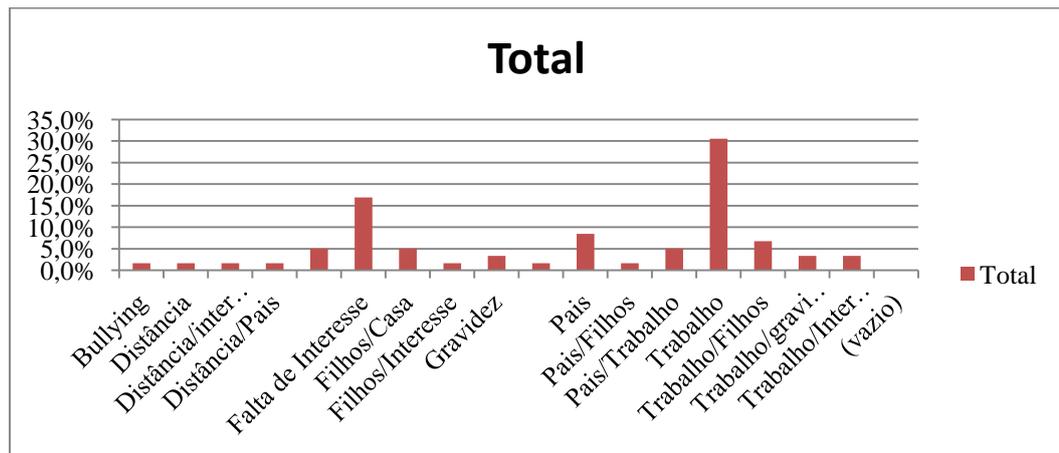
Tabela 19. Motivos para o abandono escolar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Motivos	%
Trabalho	30,5%
Falta de Interesse	16,9%
Pais	8,5%
Trabalho/Filhos	6,8%
Distância/Trabalho	5,1%
Filhos/Casa	5,1%
Pais/Trabalho	5,1%
Gravidez	3,4%
Trabalho/gravidez	3,4%
Trabalho/Interesse	3,4%
Bullying	1,7%
Distância	1,7%
Distância/interesse	1,7%
Distância/Pais	1,7%
Filhos/Interesse	1,7%
Gravidez/Interesse	1,7%
Pais/Filhos	1,7%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

O gráfico ressalta que o trabalho é o principal obstáculo na continuidade dos estudos dessas mulheres. Ele é recorrente em todos os grupos, associado a outras situações como o cuidar dos filhos, a gravidez, a distância entre a escola e a residência e também a falta de interesse, item este que surpreendeu, pois apareceu em segundo lugar.

Gráfico 7. Motivos para o abandono escolar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Uma das entrevistadas relatou que teve todas as oportunidades de estudar, mas não teve interesse. Esta é uma questão que precisa ser cuidadosamente analisada. À primeira vista isso dá margem a uma interpretação simplista, de que o motivo do abandono seria de natureza apenas individual, fruto de uma escolha. Porém sabemos que os gostos e interesses são constituídos pelo indivíduo na interação com sua família e com o meio social no qual ele cresce e se desenvolve, bem como a partir das expectativas que sobre ele são colocadas pelas instituições sociais. Os estudos de Bourdieu mostram que as expectativas e chances reais de escolarização são desigualmente distribuídas entre as classes sociais (BOURDIEU, 1998). Assim, caberia levantar a hipótese de que esse desinteresse possa estar relacionado à ambientes sociais em que os horizontes culturais e as expectativas sociais não têm na escola o seu centro, atuando como fator de distanciamento do universo escolar.

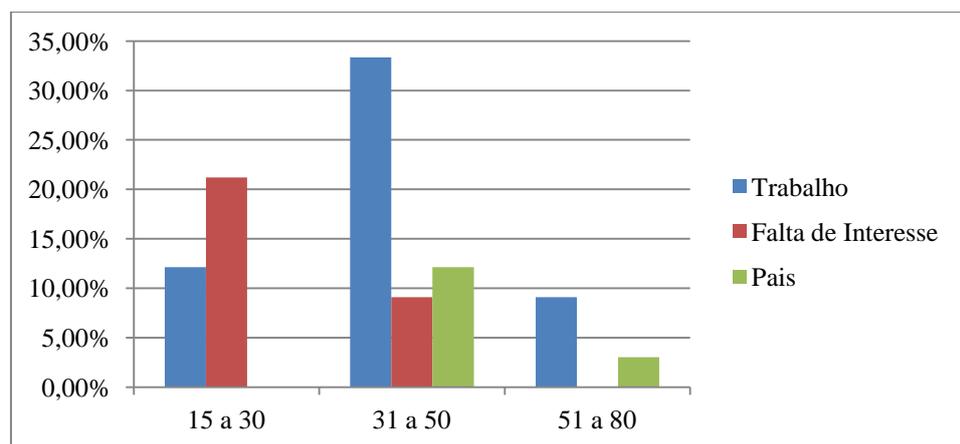
Verificamos também que outros dados se entrelaçam. Há mulheres que enfrentaram problemas como a distância entre a residência e a escola, sendo a maioria destas das regiões Norte e Nordeste. Algumas relataram que os pais não as deixavam estudar porque era perigoso o trajeto da casa até a escola para uma menina andar sozinha, e uma acrescentou que só os irmãos estudaram. Vemos que a falta de escolas próximas da residência, ou até mesmo no bairro ou cidade em que moravam, foi fator de não frequência à escola. Outras

entrevistadas relataram que tiveram que trabalhar cedo para ajudar a família: “trabalhar podia, estudar não”, desabafou uma delas.

Na fase adulta muitas formaram suas famílias. Os problemas continuaram, agora atrelados aos filhos, à casa e ao trabalho.

A falta de interesse afeta as mais jovens, que não tiveram nenhum impedimento dos pais para cursar a escola, ao contrário das mais velhas, que ainda vivenciaram um período em que não era socialmente importante que as mulheres estudassem. Dentre as que estão acima de 51 anos, nenhuma relatou falta de interesse e sim falta de oportunidades devido ao fato de terem que trabalhar muito cedo e falta de incentivo, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 8. Percentual dos principais motivos que as impediram de estudar e idade, Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Para as mulheres do GI o desinteresse aparece como principal motivo para abandonar os estudos, seguido da gravidez. Interessante observar que um relato recorrente entre as adolescentes do Cieja é que pararam de estudar devido ao bullying, afastaram-se das escolas regulares e ao completarem 15 anos procuraram o centro para continuarem seus estudos. Isso mostra que fatores como a discriminação dentro das escolas podem atuar para desestimular a frequência escolar. Tais fatores não aparecem para as mulheres do GIII, já que, para estas, a distância entre a escola e a residência e a resistência dos pais em deixá-las estudar são questões mais recorrentes, o que não acontece com as mais jovens. As mulheres do GII são as que mais enfrentaram problemas com o trabalho e a resistência dos pais, além de apresentarem desinteresse nos estudos.

Assim, observamos que há diferenças geracionais referentes aos motivos que levaram as mulheres a interromper seus estudos. Entre as adultas e idosas, a questão do trabalho e o impedimento da família foram obstáculos muito fortes, enquanto para as mais jovens o desinteresse aparece como a causa principal. Essa situação mostra que as mudanças culturais que ampliaram os direitos das mulheres à educação podem estar sendo, em parte, neutralizadas por um sistema escolar pouco atrativo, que gera um novo tipo de exclusão educacional. As pessoas passam a acreditar que não “servem” para a escola e elaboram uma narrativa colocando-se como responsáveis pelo abandono, na medida em que ele foi gerado pelo seu desinteresse individual.

Os filhos aparecem de forma recorrente e associados com outras preocupações como casa, trabalho e impedimento dos pais. Filhos estes frutos de gravidez precoce, como podemos ver entre as jovens mulheres de 15 a 30 anos. Para elas, a gravidez foi um fator de abandono, que pode vir associado a outros motivos, como vergonha, falta de estímulo e falta de informação.

Ao observarmos a região de origem independentemente da idade, o trabalho continua a ser o principal problema, em todas as regiões do país, com uma pequena diferença entre Sudeste e Nordeste.

As mulheres do Nordeste relataram que devido ao fato de a escola ficar longe, os pais não as deixavam estudar, pois era perigoso o trajeto da residência para a escola, porém apontaram que, para trabalhar, a distância não era obstáculo. Além da gravidez e cuidado com os filhos, não relataram falta de interesse em estudar. O abandono da escola por falta de interesse aparece mais nas mulheres que nasceram na região Sudeste. Por outro lado, a necessidade do trabalho desde cedo aparece entre as mulheres de todas as regiões, mostrando que a necessidade econômica decorrente de uma situação social de pobreza é fator fundamental que as afasta da escola, independentemente da região de origem.

Quando indagadas se o fato de serem mulheres dificultaria os seus estudos, houve para algumas uma certa dificuldade em responder, pois percebe-se que não era tão direta para elas a associação entre os motivos que as levaram a parar de estudar com sua condição feminina e com o papel que representam na sociedade.

Tabela 20. Relação entre a interrupção dos estudos e a condição feminina, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Fato de ser Mulher	%
Sim	55,9%
Não	37,3%
Não Sabe	5,1%
Não Respondeu	1,7%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Mais da metade das entrevistadas respondeu que a condição feminina dificultou a permanência na escola. Elas relatam que não estudaram porque tinham que cuidar dos filhos e trabalhar para ajudar a família, as mais velhas apontam para o fato de os pais as orientarem que mulher não precisava estudar e sim casar. Duas alunas citaram que “têm mais compromissos que os homens” e “sofreram muitas violações” em seus direitos. Cerca de 37% das entrevistadas não identifica relação entre sua situação escolar e sua condição de mulher. Apesar de esta questão não ser clara para muitas, o fato de estarem em busca de mais informações ou melhores condições de trabalho já é um passo importante para a tomada de consciência de seu papel enquanto mulher na sociedade.

Como podemos ver nos motivos que as fizeram voltar a estudar, os itens família e trabalho voltam a aparecer, só que agora não como um problema, mas como um estímulo para retomarem os estudos. Ou seja, ao longo da trajetória dessas mulheres o trabalho foi, primeiramente, fator de afastamento dos estudos, para depois tornar-se fator de retorno à escola, pelas exigências cada vez maiores de empregabilidade e de permanência no trabalho. Apareceram também como motivos para o retorno à escola a necessidade de aprender a ler e a escrever para ajudar os filhos na escola.

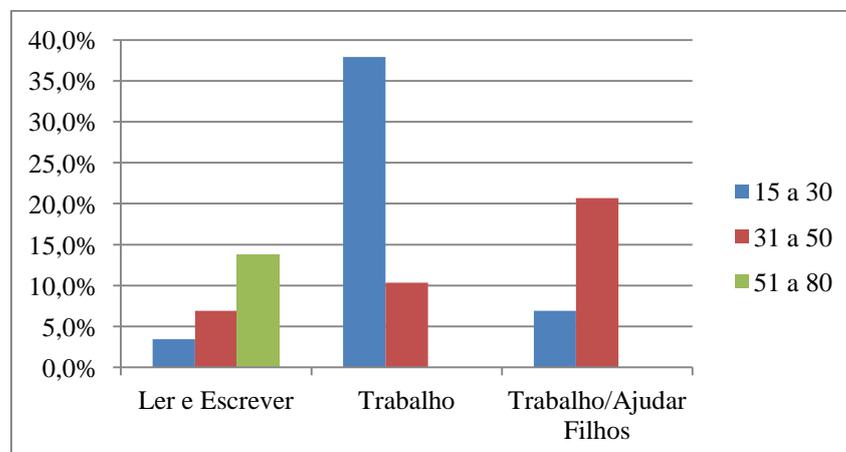
Tabela 21. Motivos para retornar aos estudos, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Motivos que a fizeram retornar	%
Trabalho	23,7%
Trabalho/Ajudar Filhos	13,6%
Trabalho/outros	13,6%
Ler e Escrever	11,9%
Trabalho/Ler e Escrever	11,9%
Trabalho/Desejo	6,8%
Ajudar Filhos/Ler e Escrever	5,1%
Desejo/Outros	3,4%
Não Respondeu	3,4%
Desejo/Ler e Escrever	1,7%
Ler e Escrever/saúde	1,7%
Outros	1,7%
Trabalho/Saúde	1,7%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria

Aprender a ler e escrever é fundamental para que possam lidar com tarefas do dia a dia tais como ajudar os filhos na escola, procurar ajuda no caso de problemas de saúde, participar de atividades na igreja, em outros ambientes sociais e no trabalho. Conforme a idade em que se encontram, esses objetivos aparecem com maior ou menor intensidade.

Gráfico 9. Motivos para retornar aos estudos por grupos de idade, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Para as alunas mais jovens a preocupação de aprender a ler escrever é bem menor do que entre as mulheres acima de 50 anos, pois a maioria é alfabetizada. Entre as mais velhas, uma grande parte tem como objetivo maior aprender a ler e escrever como a realização de um objetivo perseguido ao longo da vida, uma vez que a preocupação com trabalho, casa, criação dos filhos, entre outras, as impediu quando mais jovens de conquistá-lo. Esse aspecto as diferencia principalmente das mulheres entre 31 e 50 anos, as quais precisam do trabalho e ao mesmo tempo têm filhos em idade escolar que necessitam, também, de seu auxílio nas atividades escolares.

Entre os dados associados, o trabalho e o ler e escrever são os que mais aparecem como motivação: em primeiro lugar está o trabalho, seguido do aprender a ler e escrever. Para as mais jovens, o trabalho é o que mais as impulsiona a estudar. Já para as alunas acima de 51 anos a busca de um trabalho melhor ou de uma colocação no mercado de trabalho não as preocupa, seu objetivo maior é simplesmente aprender a ler escrever. Já o item saúde foi apresentado a elas, no questionário, devido ao fato de muitas alunas relatarem que procuraram o Cieja por indicação médica, para desenvolverem uma atividade intelectual, a fim de superar ou diminuir problemas de saúde, como depressão e falta de memória. No final do ano tivemos relatos impressionantes de alunas que disseram ter tido problemas sérios de depressão e conseguido superá-los com a sua participação nas atividades escolares.

Para muitas o tempo em que ficaram fora da escola foi muito grande, o trabalho dos professores se dá num primeiro momento no resgate da sua autoestima, pois acreditam que não são capazes e qualquer dificuldade é motivo para desistirem. Já as alunas adolescentes não têm o problema do tempo, mas sim de relacionamento, pois muitas apresentam histórico de evasão escolar por indisciplina, brigas, bullying, entre outros. O que todas têm em comum é a sensação de terem fracassado.

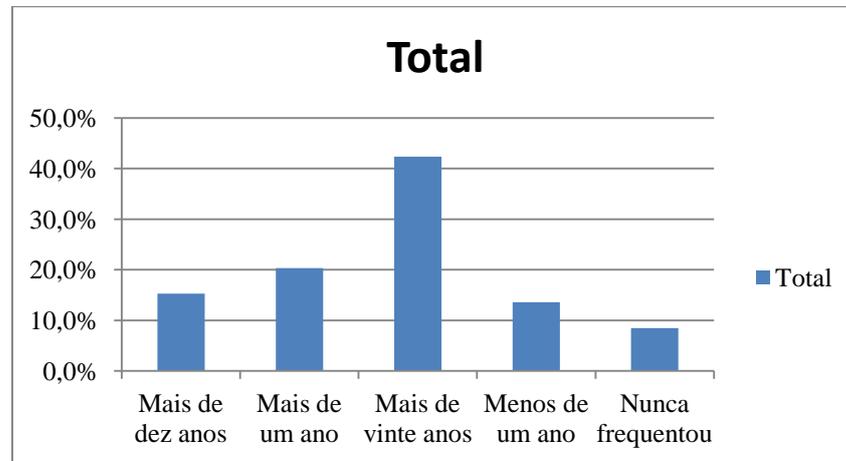
Tabela 22. Tempo que ficaram fora da escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa.

Marlúcia, 2015

Tempo Fora da Escola	%
Mais de vinte anos	42,4%
Mais de um ano	20,3%
Mais de dez anos	15,3%
Menos de um ano	13,6%
Nunca frequentou	8,5%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Gráfico 10. Tempo que ficaram fora da escola, mulheres matriculada no Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria

Somando aquelas que ficaram mais de 10 anos fora da escola com as que ficaram 20 anos temos cerca de 57% das alunas, mas isso varia conforme o grupo etário. As entrevistadas entre 15 e 30 anos ficaram fora da escola por um ano em média, já as alunas entre 31 e 50 anos de dez a vinte anos, e as alunas acima dos 51 anos há mais de vinte anos não frequentam a escola ou nunca a frequentaram. As alunas do GII e GIII que ficaram fora por um ano aproximadamente são aquelas que passaram por mais de um episódio de abandono escolar; são alunas que se matriculam no Centro ou em outra escola de jovens e adultos, mas não conseguem permanecer ali.

Tabela 23. Tempo que ficaram fora da escola em comparação com a idade, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Tempo fora da escola	Idade 15a30	Idade 31a50	Idade 51a80	Total Geral
Mais de dez anos	3,4%	10,2%	1,7%	15,3%
Mais de um ano	15,2%	5,1%	0,0%	20,3%
Mais de vinte anos	0,0%	30,5%	11,9%	42,4%
Menos de um ano	11,9%	0,0%	1,7%	13,6%
Nunca frequentou	1,7%	1,7%	5,0%	8,4%
Total Geral	32,2%	47,5%	20,3%	100,0%

Fonte: Cieja Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Quanto mais tempo fora da escola, mais cedo começaram a trabalhar. Algumas apontam que antes dos 10 anos já trabalhavam para ajudar a família; depois, com o casamento, filhos, cuidados com a casa, não conseguiram retornar os estudos, sem falar na falta de interesse e/ou na necessidade de completá-los.

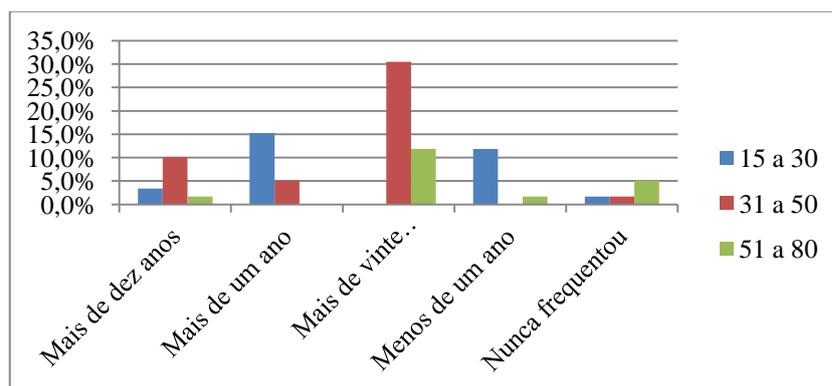
Tabela 24. Idade em que começaram a trabalhar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Idade em que Começaram a Trabalhar	%
Entre 11 e 14 anos	35,6%
Entre 15 e 17 anos	32,2%
Menos de 10	16,9%
Acima de 18	8,5%
Não respondeu	3,4%
Nunca trabalhou	3,4%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Apesar da legislação que hoje proíbe o trabalho de menores de 14 anos sem registro em carteira, temos alunas do GI que começaram a trabalhar como menos de 10 anos. Isso era frequente na geração das alunas acima de 51 anos, em que a maioria começou a trabalhar ainda criança. Nesse grupo, ao contrário do primeiro, não existe nenhuma aluna que nunca tenha trabalhado. De 31 a 50 anos também há um número grande de alunas que começaram a trabalhar muito cedo.

Gráfico 11. Tempo que ficaram fora da escola por idade, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

A preocupação com o trabalho é marcante entre as entrevistadas. A busca de escolarização para inserção ou melhor colocação no mercado de trabalho está presente e a falta de estudos dificulta suas condições de emprego, uma vez que as empresas hoje exigem para determinadas funções no mínimo Ensino Fundamental. Para quem não tem tal formação,

são determinadas as funções de mais baixa remuneração, geralmente trabalhando na limpeza da empresa; poucas ocupam funções com melhor remuneração como auxiliar de escritório, agente operacional, revisora de confecção, feirante, operadora de caixa, vendedora e operadora de caixa. Muitas empresas estão negando vagas para quem não tem a formação mínima exigida, por isso a procura por vagas no Cieja é grande e ocorre o ano todo.

Praticamente a metade das alunas concilia o estudo no Cieja com a atividade de trabalho. Porém, além destas, cerca de 16,9% afirmam ter outras atividades, com as quais a frequência à escola tem que ser dividida.

Tabela 25. Situação atual de trabalho, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

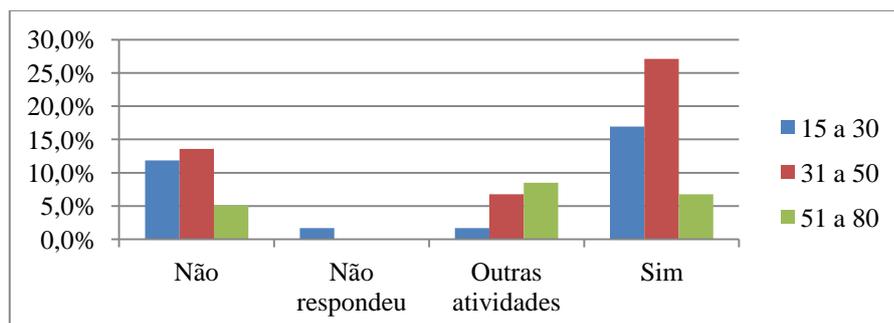
Trabalha Atualmente	%
Sim	50,8%
Não	30,5%
Outras atividades	16,9%
Não respondeu	1,7%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

A negativa das empresas faz com que boa parte dessas mulheres recorra ao trabalho informal, trabalhando como diaristas e faxineiras em residências. Há, também, aquelas que trabalham de forma autônoma na sua própria oficina de costura, como cita uma aluna, e aquelas que comercializam produtos nas ruas ou feiras.

Em relação à idade e à inserção no mercado de trabalho, as alunas entre 31 e 50 anos são maioria entre as empregadas, seguidas das que estão entre 15 e 30 anos. Já entre as que exercem outras atividades tais como doméstica e diarista, a maioria tem 51 anos ou mais.

Gráfico 12. Relação da idade e inserção no mercado de trabalho, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

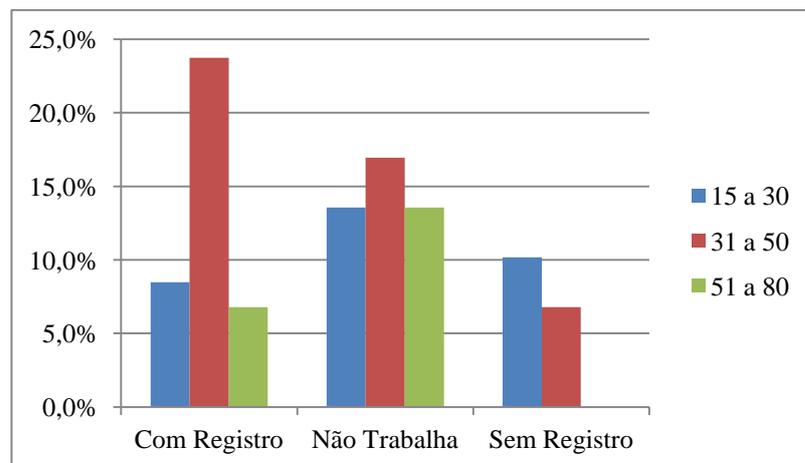
Verificamos que 39% das mulheres trabalham com registro em carteira e, destas, o grupo entre 31 e 50 anos é maioria, enquanto entre as mais jovens a maioria trabalha sem registro em carteira.

Tabela 26. Formalização do trabalho, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Trabalha com Registro	%
Não trabalha	44,1%
Com registro	39,0%
Sem registro	16,9%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Gráfico 13. Percentual da relação idade e trabalho com registro em carteira, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Para as mulheres que trabalham, seja de forma formal ou informal, o seu salário constitui a principal fonte de renda familiar, sobretudo se não tiverem um companheiro. Dentre as casadas muitas ainda dependem do companheiro, porém uma boa parte trabalha para ajudar na renda familiar. Há aquelas que já estão aposentadas e ainda aquelas que dependem de benefícios sociais como bolsa família, ou ainda dependem do trabalho dos filhos e de benefícios sociais.

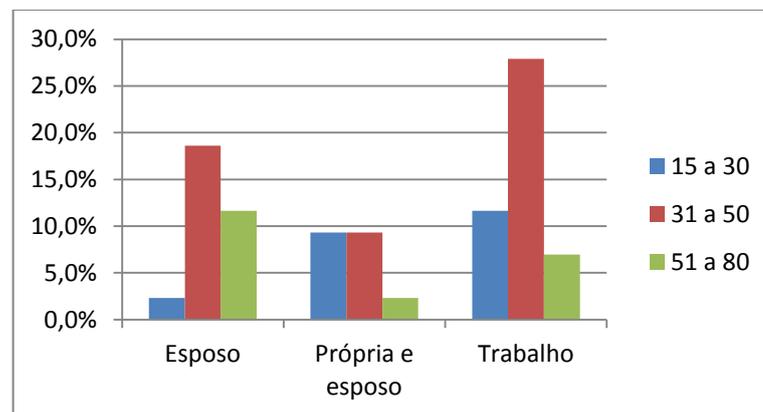
Tabela 27. Principal fonte de renda, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Renda Familiar	%
Trabalho	33,9%
Esposo	23,7%
Própria e esposo	15,3%
INSS	8,5%
Benefício social	6,8%
Outra	6,8%
Não respondeu	1,7%
trabalho/benefício social	1,7%
trabalho/filhos	1,7%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Vemos que para cerca de 33% das alunas o trabalho é sua principal fonte de renda. Pode-se observar ainda que a dependência econômica do esposo é maior entre as mulheres mais velhas, enquanto que entre as mais jovens e adultas predomina a dependência de seu próprio trabalho.

Gráfico 14. Principais fontes de renda conforme a idade, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Apesar da necessidade que essas mulheres têm de voltar a estudar, os obstáculos aparecem, o que gera desânimo e dificuldades para continuarem os estudos. Observa-se através das justificativas que dão tanto à coordenação quanto aos professores por seus atrasos ou ausências que o fato de morarem no extremo leste da cidade São Paulo muitas vezes torna o percurso de suas residências até o trabalho longo e cansativo, além de fazê-las perder muito tempo no trânsito. Existem ainda as que trabalham como diaristas e uma ou duas vezes por

semana são obrigadas a faltar para trabalhar, com isso as faltas recorrentes as fazem desistir da escola.

O questionário procurou identificar os principais fatores que as impedem de continuar os estudos e manter-se matriculadas. Elas apontaram até dois itens, entre eles transporte, trabalho e a conciliação entre escola, trabalho e família.

Tabela 28. Dificuldades para permanecer na escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

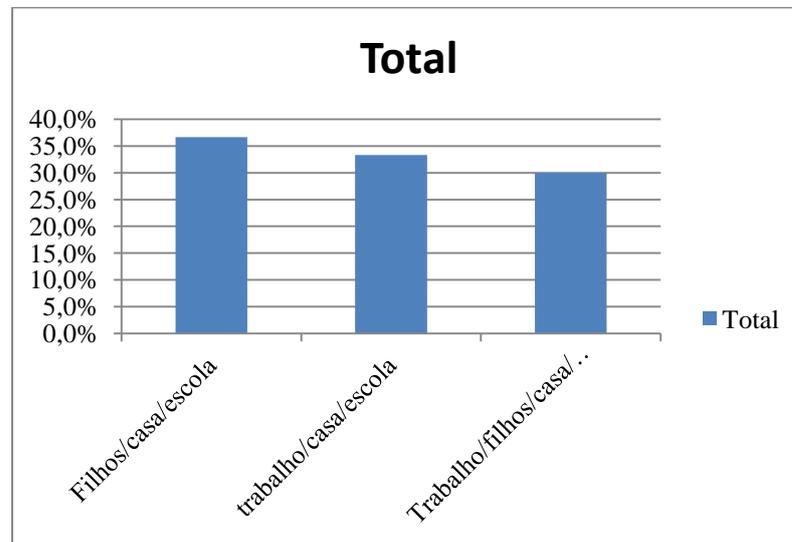
Dificuldades Enfrentadas	%
Nenhuma	28,8%
Filhos/casa/escola	18,6%
Trabalho/casa/escola	16,9%
Trabalho/filhos/casa/escola	15,3%
Saúde	5,1%
Transporte	3,4%
Transporte/filhos/casa/escola	3,4%
Filhos/casa/escola/saúde	1,7%
Financeiro	1,7%
Financeiro/Trabalho/casa/escola	1,7%
Não respondeu	1,7%
Trabalho/casa/escola/marido	1,7%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Observamos que os fatores que geram dificuldades costumam estar associados. Além das dificuldades apresentadas, aparece em pequena quantidade de casos, mais ainda é um problema, a resistência do esposo, que não aceita que estudem. Para poderem estar na escola, segundo relato de algumas, têm que deixar tudo pronto para que o companheiro não se ressinta com a sua falta. Ainda há os problemas de saúde e financeiros, pois, como já foi apontado, algumas estão desempregadas. O bilhete do estudante gratuito, implantado no ano de 2015, ajudou na diminuição do número de desistentes por falta de condições para pagar o ônibus, mas esse não é o único problema financeiro que as afeta. Esse conjunto de situações acaba gerando o abandono da escola.

Os dados nos mostraram que 71% das entrevistadas encontram dificuldades para continuarem seus estudos e apenas 28% delas relatam não terem nenhum empecilho para frequentar a escola.

Gráfico 15. Percentual das principais dificuldades enfrentadas para permanecer na escola, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015



Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

O gráfico acima aponta que a mulher que trabalha tem mais dificuldades de continuar a estudar devido ao acúmulo de responsabilidades que lhe são dadas, isto é, impostas socialmente.

As alunas que mais indicam dificuldades são as que têm entre 31 e 50 anos. Elas têm mais responsabilidades, uma vez que precisam conciliar trabalho, casa, família e escola. Ao contrário, as que estão acima dos 51 anos e as entre 15 e 30 são as que menos têm dificuldades para ficar na escola, muitas delas ainda dependem dos responsáveis e estão amparadas legalmente para permanecerem na escola.

Quanto às expectativas para a retomada dos estudos, isto é, o que elas esperavam ser capazes de realizar com a volta à escola, elas puderam apontar mais de uma intenção e reafirmaram as necessidades que as impulsionaram a voltar: estudar, aprender a ler e escrever para ajudar os filhos na escola e ter um emprego melhor, além de outros motivos como participar de ações da comunidade onde atuam e exercer atividades religiosas.

Tabela 29. Motivos que as impulsionaram a voltar a estudar, mulheres matriculadas no Cieja

Profa. Marlúcia, 2015

Objetivos	15 a 30	31 a 50	51 a 80	Total Geral
Ajudar Filhos	0,0%	1,7%	1,7%	3,4%
Ajudar filhos/outros	0,0%	1,7%	0,0%	1,7%
Ajudar filhos/trabalho	5,1%	11,9%	1,7%	18,6%
Ler e escrever	1,7%	1,7%	5,1%	8,5%
Ler e escrever/ajudar filhos	1,7%	5,1%	0,0%	6,8%
Ler e escrever/outros	0,0%	0,0%	1,7%	1,7%
Ler e escrever/trabalho	0,0%	10,2%	0,0%	10,2%
Ler escrever/outros	0,0%	1,7%	0,0%	1,7%
Outros	0,0%	1,7%	6,8%	8,5%
Trabalho	23,7%	5,1%	1,7%	30,5%
Trabalho/outros	0,0%	6,8%	1,7%	8,5%
Total Geral	32,2%	47,5%	20,3%	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

Para as alunas entre 31 e 51 anos a grande expectativa é o trabalho, melhorar sua situação profissional e salarial e ajudar os filhos em idade escolar; para as alunas entre 15 e 30 anos, a colocação no mercado de trabalho é a maior preocupação; para as alunas acima dos 51 anos, os objetivos maiores são aprender a ler e escrever e participar de ações religiosas ou comunitárias.

Apesar de ainda não terminarem seus estudos no Cieja, elas percebem algumas alterações em seu dia a dia, o conhecimento que adquiriram até então lhes dá autoconfiança para se comunicarem melhor, ajudarem os filhos, se relacionarem melhor com familiares e amigos. Algumas até conseguiram melhorar suas condições de trabalho, obtendo promoções nas funções que exerciam. Seus relatos apontam que estão mais seguras e confiantes.

A comunicação e a autoestima aparecem como os fatores mais importantes para todas as idades. Já a conquista da autonomia aparece mais intensamente para o grupo etário mais novo e o mais velho; de um lado as jovens em busca de sua independência em relação à família, e de outro lado as mais idosas em busca de ferramentas para cuidarem de si e se inserirem de forma mais ativa num contexto em constante transformação. Já para as adultas que têm entre 31 e 50 anos, um dos ganhos centrais é poder ajudar os filhos na escola.

Tabela 30. Mudanças que aconteceram após voltarem a estudar, mulheres matriculadas no Cieja Profa. Marlúcia, 2015

Mudanças	%
Comunicação/autoestima	23,7%
Autonomia/autoestima	8,5%
Autonomia/relacionamento	8,5%
Ajudar filhos/autoestima	6,8%
Comunicação	6,8%
Autoestima	5,1%
Autoestima/relacionamento	5,1%
Autonomia/ajudar filhos	5,1%
Autonomia/comunicação	5,1%
Trabalho/ajudar filhos	5,1%
Autonomia/trabalho	3,4%
Trabalho	3,4%
Trabalho/autoestima	3,4%
autonomia	1,7%
Comunicação/ajudar filhos	1,7%
Comunicação/relacionamento	1,7%
Comunicação/trabalho	1,7%
Comunicação/relacionamento	1,7%
Não respondeu	1,7%
Total Geral	100,0%

Fonte: Cieja Profa. Marlúcia G. de Abreu. Elaboração própria.

É fato que o conhecimento aumenta o poder de comunicação, oferece argumentos para defenderem suas opiniões e escolhas, fortalecendo sua autoestima. Esta última é fator importante para a vida dessas mulheres independentemente da idade, uma vez que para a vida em uma sociedade letrada, em que tudo gira em torno da leitura e da escrita, não saber no mínimo ler e escrever dificulta as relações sociais. À medida que vão adquirindo mais conhecimento, elas dependem menos de outras pessoas, são capazes de decidir e direcionar melhor suas vidas, adquirem mais autonomia em sua escolhas e realizações. Com isso, conseguem se comunicar melhor com colegas e chefes, têm mais autonomia na realização de suas funções, e desse modo conseguem melhorar suas condições de trabalho.

Um dado que dispensa qualquer tipo de tabela e gráfico, é sobre seus planos após terminarem os estudos no Cieja. Foram oferecidas duas alternativas: continuar estudando e parar de estudar. Neste momento todas responderam que pretendem continuar seus estudos, após saírem do Cieja. Muitas têm a expectativa de continuar estudando principalmente por questões de trabalho. Porém observamos no cotidiano que, ao conseguirem uma posição melhor no mercado de trabalho, a tendência é pararem de estudar, embora tenhamos relatos de

ex-alunas que realmente continuaram seus estudos e hoje são formadas em direito, enfermagem, pedagogia, entre outros. Muitas retornam ao Cieja depois de formadas para rever seus professores e até mesmo para fazerem seus estágios na área de educação. Para as que ainda frequentam as aulas, as expectativas que trazem são grandes, as conquistas ainda que pequenas já lhes trouxeram frutos, como já vimos. O importante disso tudo é a consciência de que ainda têm um caminho a trilhar pela frente.

4.Considerações finais

Esta pesquisa buscou entender os anseios, desejos, expectativas e obstáculos que as mulheres adolescentes, jovens, adultas e idosas da contemporaneidade trazem consigo, quando o assunto é escola. Perguntou-se a elas: quem eram, de onde vieram, por que e para que estavam voltando para a escola, quanto tempo ficaram longe dela, qual a representação que esta tem em suas vidas e o que esperavam dela. A análise de suas respostas trouxe informações importantes sobre o perfil de cada grupo e a relação que elas têm com a escola.

A divisão entre grupos etários serviu para orientar a análise das respostas, que foram construindo o perfil dessas alunas. Com o crescente número de alunas mais jovens e a diminuição da quantidade de alunas mais velhas matriculadas no Cieja, observou-se que o perfil da mulher que busca formação escolar apresenta mudanças. As mulheres mais idosas atualmente são a minoria, encontram-se matriculadas nas séries iniciais (1ª a 4ª) do Ensino Fundamental, muitas não buscam melhor inserção no mercado de trabalho, e sim, aprender a ler e escrever, são aposentadas ou donas de casa que dedicaram sua vida à família, ao esposo e principalmente à criação dos filhos. Agora, com estes formados, podem realizar o desejo de estudar.

O grupo de mulheres entre 31 e 50 anos tem como objetivo principal ao voltar a estudar a busca de melhor colocação no mercado de trabalho e ajudar seus filhos em idade escolar em suas atividades. Grande parte delas está matriculada nos módulos III e IV (5ª a 8ª séries).

Um grupo que desponta no Cieja é o das moças que estão entre 15 e 30 anos. Em sua maioria estão matriculadas no Módulo IV Etapa Final do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries), estão há pouco tempo fora da escola e nasceram na mesma região onde moram e estudam atualmente. Sua principal expectativa na retomada dos estudos é a inserção no mercado de trabalho.

O Cieja recebe mulheres de todas as regiões do país, com exceção das regiões Centro-Oeste e Sul. Atualmente, pouco mais da metade das alunas é do Sudeste (concentração das mais jovens), seguida pela região Nordeste (neste grupo estão as alunas mais velhas).

O período em que estão matriculadas aponta para o dia a dia dessas mulheres e sua relação com a família e o trabalho. O período da manhã é procurado pelas mais velhas e, também, pelas mais jovens. As mais idosas procuram esse horário para poderem cuidar dos afazeres domésticos e algumas para cuidarem dos netos. Já as menores de 18 anos são matriculadas neste horário para no período da tarde poderem fazer cursos profissionalizantes – e também, claro, por serem menores de idade. As que têm entre 31 e 50 anos ocupam os horários iniciais das 7h30 às 9h45 ou 10h às 12h15 e finais das 17h45 às 20h ou 20h15 às 22h30, justamente para poderem conciliar os estudos com seus horários de trabalho.

O número de mulheres divorciadas e viúvas é pequeno e corresponde principalmente às mulheres mais velhas. A maior parte das alunas é casada.

A desigualdade social que estas mulheres enfrentam, por não terem tido oportunidades de estudar em seu tempo certo, aparece também em relação a sua etnia e cor. Mulheres brancas e pardas correspondem a mais de 80% das entrevistadas. Apenas uma minoria autodeclarou-se negra, e houve ainda aquelas que se colocaram como morenas. Para estas mulheres assumirem sua origem negra é muito difícil, devido a fatores históricos que lhes atribuíram e ainda atribuem uma visibilidade negativa e estereotipada, seja nos livros de história, na literatura, no cinema, na televisão, entre outros, sempre representadas como empregadas ou disponíveis para satisfazer o libido masculino.

Se nas primeiras décadas do século XX era bastante difundido o dito “branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, hoje mesmo com todas as mudanças culturais, mulheres afrodescendentes, principalmente as mestiças ou “mulatas”, continuam a ser alvos do estereótipo de as mais sensuais e libidinosas entre as mulheres, perpetuado principalmente através da mídia, particularmente a televisão (...). (NEPOMUCENO, 2013, p. 404)

A maioria, independentemente da cor, idade, região onde nasceu, estado civil, esteve na escola um dia. Os motivos que as levaram a interromper e a retomar seus estudos variam conforme a idade e o tempo que ficaram fora da escola.

As mulheres mais idosas são as que ficaram mais tempo fora da escola, durante cerca de 20 anos. São seguidas pelas mulheres entre 31 e 50 anos, que ficaram de 10 a 20 anos. Já as mais jovens estiveram fora, em sua maioria, por um ano ou um pouco mais, e um pequeno grupo, representado pelas mais velhas, nunca frequentou a escola. A grande maioria teve que interromper seus estudos para começar a trabalhar, para ajudar a família, para ajudar o companheiro ou para criar seus filhos. Boa parte delas começou a trabalhar entre 11 e 14

anos, as que tiveram mais sorte começaram a trabalhar um pouco depois, entre os 15 e 17 anos, poucas tiveram o privilégio de começaram a trabalhar após os 18 anos. Atualmente pouco mais da metade dessas mulheres está inserida no mercado de trabalho, seja este formal ou informal, e 30% estão desempregadas.

A renda familiar é formada pelo seu trabalho em primeiro lugar, seguindo-se a renda do esposo e/ou outros benefícios, e 15% trabalham para compor a renda com o esposo.

(...) aumentou a porcentagem de famílias chefiadas por mulheres, o que cada vez mais questiona a ideia de que a mulher constitui uma “força de trabalho secundário”. Segundo Arriagada (1997), a porcentagem de famílias chefiadas por mulheres na América Latina oscila entre 25% e 35%. Além dessas, existem as famílias em que a contribuição da mulher à renda é igual ou superior à dos homens (...). (ABRAMO, 2004, p. 114)

As mais velhas que continuam casadas são as que mais dependem da renda do esposo, apesar de uma minoria ter sua própria renda. Dentre as que têm entre 31 e 50 anos, a grande maioria tem seu trabalho como principal fonte de recursos, seguida da renda do esposo. Já as mais jovens, menores de 18 anos, relataram que dependem da renda de seus responsáveis.

Além do trabalho, outros motivos aparecem de forma isolada ou associada a este para explicar o abandono dos estudos: a distância entre suas residências e a escola, gravidez, cuidados com os filhos e resistência dos pais em permitir que as filhas estudem, este último fator mais presente entre as alunas com mais de 51 anos e oriundas das regiões Nordeste e Norte. O segundo motivo apontado, principalmente pelas alunas mais jovens e do Sudeste, foi a falta de interesse em continuar seus estudos. Entre as menores o *bullying* aparece como o motivo que as fez deixar de ir à escola.

Interessante observar que o principal motivo que as fez parar de estudar, hoje coincide com sua motivação para retomar os estudos, ou seja, o trabalho, associado a ajudar os filhos em idade escolar e a aprender a ler e escrever. Os obstáculos enfrentados no passado, que as impulsionam a estudar hoje, as assombram, novamente, dificultando sua permanência na escola, pois é muito difícil conciliar trabalho, filhos, família, casa, esposo e a escola, de forma que apenas 28% dizem não enfrentar nenhum problema para permanecer no Cieja.

Contudo, esse período em que conseguiram ficar na escola, apesar das dificuldades enfrentadas, já lhes traz resultados, poucos, mas significativos segundo elas. O conhecimento adquirido até então, o convívio com pessoas que buscam os mesmo objetivos, apesar das diferenças, trazem benefícios em seus relacionamentos profissionais e familiares. Elas percebem que a forma de se comunicarem melhorou, sentem-se mais seguras, agem com mais autonomia, pois não dependem tanto das outras pessoas para realizar simples tarefas, como

ajudar os filhos nas lições de casa, expor suas opiniões e sugestões no trabalho, entre outros. Tudo isso fortalece sua autoestima.

Entre as semelhanças e as diferenças que unem essas jovens e mulheres adultas, presentes no mesmo lócus – o Cieja Profa. Marlúcia –, existe um objetivo maior, realizar um sonho: estudar. Sonho esse interrompido, por motivos mais urgentes, por falta de oportunidades, por acreditarem que estudar não era para elas e, principalmente, para trabalhar e garantir sua sobrevivência e dos seus familiares. Elas têm como principal recurso a escola que em determinado momento não foi capaz de garantir sua permanência e a realização de seu sonho. A escola tem papel fundamental na inserção e afastamento dessas mulheres e na concretização de seus sonhos, ainda que, na maioria dos livros e conteúdos utilizados ao longo do tempo, os principais fatos históricos e científicos sejam apresentados na terceira pessoa do masculino e seus personagens sejam sempre do sexo masculino, além de trazerem conceitos “científicos” que apontavam que as mulheres não eram capazes de realizarem atividades intelectuais como os homens.

O rendimento intelectual que se espera das meninas é sempre inferior ao que se espera dos meninos, e isto tem sido assim, há séculos. As explicações que têm sido dadas são de todo tipo. Desde pretender uma inferioridade inata da mulher até assegurar que o pensar pode prejudicá-la, como é o caso, no século passado, das conclusões extraídas de Edward Clarke, o qual assegurava que as menina não deviam ser pressionadas a estudar porque, se o seu cérebro fosse obrigado a trabalhar durante a puberdade, esgotar-se-ia o sangue necessário na menstruação. (MORENO, 1999, p,58)

Com o decorrer do tempo, mitos e tabus a respeito da educação feminina foram rompidos, embora essas ações ainda não sejam suficientes para superar os obstáculos que lhes são postos. Mesmo assim, elas insistem bravamente na realização de seu sonho, por isso aparecem em maior quantidade nas escolas do que os homens.

A educação das mulheres entrou na agenda da educação nacional dos anos 1990, quando o Brasil, como outros países da América Latina, viveu um intenso processo de reformas educacionais impulsionadas por organizações internacionais (Unesco, Unicef, Banco Mundial, entre outras), subsumidas nos compromissos da campanha internacional “Educação Para Todos”. Considerando a Educação como instrumento fundamental para a redução de desigualdades nacionais e internacionais, as reformas se propunham ampliar a oferta e obter ganhos de qualidade sem aumentar os gastos nacionais com a educação (...).

Humildes iniciativas, humildes resultados diante do intenso acesso de mulheres ao sistema de ensino brasileiro, principalmente após os anos 1960. Durante séculos, o Estado brasileiro fora eficiente em manter as mulheres afastadas da educação pública. Depois, sem as antigas restrições e impulsionadas por mudanças econômicas e culturais (aí incluindo os feminismos), as mulheres vêm dando conta do recado por sua conta e risco, isto é, mesmo sem políticas afirmativas: aproveitam as brechas do sistema, educam-se. (ROSEMBERG, 2013, p. 346)

A escola contribuiu para o afastamento e o desencantamento destas mulheres em relação aos estudos, junto, é claro, com toda uma realidade política e uma sociedade excludente. Ao serem indagadas se o fato de serem mulheres dificultaria os seus estudos, se notou que metade das entrevistadas tem consciência das limitações que lhes são impostas, entre elas estudar, porém um número menor, mas ainda significativo, não associa suas dificuldades enfrentadas à dominação masculina. A tomada de consciência de sua condição de mulher é que pode mudar sua posição na sociedade, e para que isso aconteça, a escola tem papel fundamental para transformar sua condição ou mantê-la na situação de dominada.

O conhecimento científico de uma realidade política tem, necessariamente, efeitos políticos, mas que podem ter sentidos opostos. A ciência de uma forma de dominação – nesse caso a dominação masculina – pode ter por efeito reforçar a dominação principalmente em que os dominantes podem utilizá-la para “racionalizar” de algum modo os mecanismos aptos a perpetuar a dominação. Ela pode também ter por resultado impedi-la, um pouco à maneira da divulgação de segredo de Estado, ao favorecer a tomada de consciência e a mobilização das vítimas. Do mesmo modo que para se dar à escola uma possibilidade de ser uma escola “libertadora”, como se dizia então, e não de conservar o status quo, era necessário, noutros tempos, revelar que a escola é conservadora, do mesmo modo é necessário assumir o risco de parecer justificar o estado presente da condição feminina mostrando em que e como as mulheres tais como são, isto é, tais como o mundo social as fez, podem contribuir para a sua própria dominação (BOURDIEU, 1995, p. 174).

Portanto, embora a escola tenha mudado muito, ainda não é o suficiente. Para garantir a realização desse sonho é preciso estabelecer políticas públicas que fortaleçam o papel da escola no atendimento aos adolescentes, jovens, adultos e idosos através de um currículo que discuta a diversidade, garanta a permanência e a formação com qualidade de seus educandos. O Cieja procura atender essa diversidade de públicos através de um tema gerador que garanta conteúdos que tragam as questões de gênero e etnia, para discutir com a comunidade escolar os mecanismos de exclusão dessas mulheres na escola e no mercado de trabalho, e assim amenizar o papel excludente da instituição escolar.

5. Referências

- ABRAMO, L. América Latina – A situação da mulher latino-americana. **Proposta** n. 88/89, março/agosto 2001.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.2, n.20, p. 133-184, jul/dez. 1995.
- CARVALHO, M. P. de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.185-193, jan/jun. 2003.
- CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. **Pierre Bourdieu. Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CIEJA PROFESSORA MARLUCIA G. DE ABREU. **Projeto Político Pedagógico**. São Paulo, ano 2015.
- IBGE. **Estatísticas de Gênero – Uma análise do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Série Estudos & Pesquisas.
- DELGADO, D. G.; CAMPELLIN, P.; SOARES, V. (Orgs.). **Mulher e trabalho: experiências de ação afirmativa**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 2003.
- PEDRO, J. M.; PINSKY, C. B. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- NEPOMUCENO, B. Mulheres negras protagonismo ignorado. In: PEDRO, J. M.; PINSKY, C. B. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- ROSEMBERG, F. Mulheres educadas e a educação das mulheres. In: PEDRO, J. M.; PINSKY, C. B. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- SÃO PAULO. **Decreto n. 54.459/2013**. Dispõe sobre a denominação de Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos.
- SÃO PAULO. CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer n. 10/02**. Aprovado em 07/11/02.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua idade?

1.1. () 15 a 20 anos.

1.2. () 21 a 30 anos.

1.3. () 31 a 50 anos.

1.4. () acima de 51 anos.

2. Qual o módulo que está cursando?

2.1. () I (1º e 2º anos do Fundamental I).

2.2. () II (3º e 4º anos do Fundamental I).

2.3. () III (5ª e 6ª séries do Fundamental II).

2.4. () IV (7ª E 8ª séries do Fundamental II).

3. Onde você nasceu?

3.1. () Região Norte.

3.2. () Região Sul.

3.3. () Região Sudeste.

3.4. () Região Nordeste.

3.5. () Região Centro-Oeste.

4. Qual é o seu estado civil?

4.1. () casada, ou mora com companheiro.

4.2. () solteira.

4.3. () viúva.

4.4. () divorciada.

5. Qual a sua cor?

5.1. () branca.

5.2. () negra.

5.3. () parda.

5.4. () outra. Qual?

6. Você frequentou a escola?

6.1. () quando criança.

6.2. () quando adulta.

6.3. () nunca foi à escola.

7. Por que parou de estudar? (Podem ser assinaladas até duas alternativas, escolha as principais)

7.1 () não tinha escola próxima onde morava.

7.2 () os pais não deixaram.

7.3 () teve que trabalhar.

7.4 () engravidou.

7.5 () teve que cuidar dos filhos e da casa.

7.6 () problemas de saúde

7.7 () não teve interesse em estudar.

8. Você acha que o fato de ser mulher influenciou as chances de você estudar?

8.1 () sim, dificultou.

8.2 () sim, facilitou.

8.3 () não sabe.

9. Para quem respondeu “sim” à questão anterior. Por que dificultou ou facilitou?

10. Por que resolveu voltar a estudar agora? (Podem ser assinalada até duas alternativas, escolha as principais)

10.1 () para ter um emprego melhor .

10.2 () para ajudar os filhos na escola.

10.3 () para realizar um desejo de frequentar a escola.

10.4 () para aprender a ler e escrever.

10.5 () por orientação médica.

10.6 () outros.

11. Quanto tempo você ficou afastada da escola?

- 11.1 () nunca frequentou. 11.2 () menos de um ano. 11.3 () mais de um ano.
11.4 () mais de dez anos. 11.5 () mais de vinte anos

12. Com qual idade você começou a trabalhar?

- 12.1 () até 10 anos. 12.2 () 11 a 14 anos. 12.3 () 15 a 17 anos. 12.4 () 18 anos ou mais.

13. Você está trabalhando?

- 13.1 () sim.
13.2 () não, porque estou desempregada.
13.3 () não, em função de outras atividades (domésticas, etc.).

14. Para quem trabalha. Qual é a sua atividade profissional? (atividade desenvolvida e setor – comércio, indústria, serviço doméstico, etc.)

15. Para quem trabalha. Seu emprego é:

- 15.1 () com registro em carteira. 15.2 () sem registro em carteira.

16. Qual sua principal fonte de renda?

- 16.1 () seu trabalho. 16.2 () benefícios sociais. 16.3 () trabalho dos filhos.
16.4 () INSS 16.5 () o trabalho do marido/companheiro 16.6 () outra

17. Qual(ais) a(s) principal (ais) dificuldade(s) que enfrenta para se manter matriculada e frequentar as aulas? (Podem ser assinalada até duas alternativas, escolha as principais)

- 17.1 () transporte. 17.2 () condições financeiras. 17.3 () conciliar trabalho, casa e escola.
17.4 () conciliar filhos, casa e escola. 17.5 () marido/companheiro.
17.6 () saúde. 17.7 () nenhuma.

18. O que você espera fazer quando terminar os estudos nesta escola? (Podem ser assinaladas até duas alternativas, escolha as principais)

- 18.1 () saber ler e escrever. 18.2 () ajudar os filhos na escola.
18.3 () ter um emprego melhor. 18.4 () poder participar de outras atividades (religiosas, etc.).

19. O que mudou em sua vida com a volta à escola? (Podem ser assinaladas até duas alternativas, escolha as principais)

- 19.1 () ser mais independente, ter autonomia.
19.2 () comunicar e se expressar melhor.
19.3 () melhorou as condições de trabalho (emprego).
19.4 () poder ajudar os filhos na escola
19.5 () melhorou a autoestima (estar mais confiante e segura).
19.6 () melhorou o relacionamento familiar e com amigos.

20. Você estuda em que período e por que escolheu esse horário?

- 20.1 () manhã 20.2 () tarde 20.3 () noite.

21. Quais são seus planos depois que terminar este curso no Cieja?

- 21.1 () continuar estudando. 21.2 () parar de estudar.

